

Comentário ao **TESTAMENTO** de São Francisco de Assis



WWW.OFS.ORG.BR

Grupo de Estudos
de discípulos e discípulas de Frei Harada

Comentário ao
TESTAMENTO
de São Francisco de Assis

Arte e Diagramação:

Ricardo Meneses (@ricardomeneses.adm)



WWW.OFS.ORG.BR



Introdução

Não temos o manuscrito original do Testamento. Ele nos foi transmitido por diversos códices. Estes pelo '*Incipit*' ('Inicia...') e pelo '*Explicit*' ('Termina...'), mostram que desde o início houve problema sobre o que o Testamento significava para a Ordem.

Ao copiar o texto, por exemplo, um amanuense (isto é, o copiadador), escreve: "Inicia aqui o sagrado Testamento de São Francisco": o amanuense alerta de que não se trata de um testamento qualquer, se trata de um texto 'sagrado'; a palavra sagrado dá peso à coisa. Outro copista diz: "Este é o Testamento que São Francisco escreveu pouco antes de sua morte": o Testamento está ligado a um momento significativo da vida de São Francisco; é o Pai e Mestre que entrega 'seu segredo' aos discípulos; como se dissesse ao leitor: "Atenção, pois você está lendo a última palavra de São Francisco; ele vai dizer coisa importante!". E você lê com atenção!

No *Explicit* o amanuense escreve: "Termina aqui o Testamento escrito por São Francisco, no ano da Encarnação 1226": o Testamento é colocado dentro do Mistério da Salvação; é como se dissesse: esse texto foi escrito por um nosso antepassado; ele participou do grande Mistério da Encarnação.

Mas nos manuscritos há '*incipit*' e '*explicit*' que deixam transparecer problemas sobre a significação do Testamento. Uns manuscritos iniciam assim: "Inicia o Testamento de São Francisco, ao qual os irmãos não estão obrigados". Outros dizem: "Inicia o Testamento do nosso beatíssimo Pai São Francisco, a cuja observância os irmãos são obrigados pela sua intenção". Esses manuscritos já estão dentro de uma problemática que pergunta: "O Testamento vale como regra ou não? Somos 'obrigados' a fazer o que está escrito nele?". Em outras palavras, se não fizer o que o Testamento diz, é pecado ou não? Em vez de ler o Testamento como quem diz: esta é a última palavra de São Francisco, aqui deve ter coisa interessante, importantíssima para a nossa vida, em vez de ler com curiosidade e interesse de compreender o espírito de São Francisco, esses amanuenses estão interessados em ver se há obrigação ou não de observá-lo. É como se um filho, ao voltar de uma viagem e receber o testamento do pai falecido das mãos da mãe lhe dizendo: "Este é o último desejo de seu pai", depois de tê-lo lido dissesse: "Éh! tenho que cumprir tudo isso?! Isso vai complicar a vida! Quem sabe que não se consiga receber a herança sem cumprir toda essa obrigação"! Ao invés disso poderia dizer: "Se meu pai me deixou esse último desejo é porque atrás de tudo isso tem coisa importante que me ajuda a entender melhor meu pai".



Há também estudiosos dizendo que o Testamento foi escrito no fim da vida de São Francisco, quando já tinha começado a luta contra abusos e a mediocridade humana, quando São Francisco estava muito doente, meio pessimista, sem o elã originário; por isso teria endurecido, querendo voltar à grande disciplina, recuando daquela primavera carismática, caracterizada pela Regra Não Bulada (RnB).

A leitura espiritual não parte dessas considerações todas. Parte tomando a sério o texto, tentando entender do jeito melhor possível.

Por isso vamos refletir antes o que é Testamento.

Quando uma pessoa tem posses, faz testamento, tentando pôr tudo em ordem, para os filhos não brigarem. Há também bens 'espirituais' na ciência, na arte, na espiritualidade, 'bens' que são intuições sobre a Vida; estes também têm testamento. Neles se fala dos segredos conquistados, transmitidos pelo testamento para as pessoas dignas de recebê-los. Em geral nestes 'testamentos espirituais' estão escritos os segredos mais íntimos do Mestre, aquilo para o qual ele lutou e se sacrificou, e sobre os quais teve uma iluminação profunda a respeito da verdade; são colocados em poucas palavras e entregue para quem o Mestre acha que os entenderá e os levará adiante como herança preciosa. Vamos então nos aproximar ao texto do Testamento de nosso Pai São Francisco não como quem estuda um texto histórico, literário ou jurídico, mas como quem estuda um texto 'espiritual', com reverência.

Ao estudarmos São Francisco, queremos entender sua herança e por ele aprofundar a herança de Jesus Cristo, pois pertencemos a uma grande corrente, a um grupo de pessoas que seguem Jesus Cristo; e São Francisco é um grande Mestre do cristianismo. Se estudamos São Francisco, é para aprofundar da melhor maneira possível, a mensagem do Evangelho. Precisamos ter consciência nítida dessa pertença. Pode ser até que não sejamos bons praticantes do cristianismo e do franciscanismo, mas a consciência da pertença a este grupo temos que ter.

Se pensarmos que São Francisco não é importante; que seguimos antes Jesus Cristo; que São Francisco um grande filósofo, um grande homem, um reformador, nesse nível de consciência, não se pega bem o que está sendo dito no Testamento (Test); pois poderíamos seguir Buda ou outro grande homem. No Japão saem muitas biografias de Jesus, do mesmo jeito que saem biografias de Napoleão, do Dr. Noguchi, de Luther King, Sócrates; são biografias para servir de modelo para a juventude; Jesus Cristo está incluído, considerado entre os grandes heróis da humanidade. Ficando nesse nível, não entenderemos o Testamento São Francisco é um grande seguidor de Jesus Cristo, e é por isso que o estudamos, é por isso que queremos ser franciscanos. O Testamento tem significação de pertença à nossa própria família.

Os modernos têm muita dificuldade de entender as coisas espirituais, cristãs de modo engajado, porque entendem a vida 'panoramicamente', olhando todas as possibilidades, pensando que tanto faz estar numa ou noutra. Engajado significa sempre histórico, isto é, você, de alguma maneira, está inserido num lugar, num grupo; não é assim que se possa ficar de fora, olhando, e dizer: Ah, eu pertenço a este grupo, mas também poderia pertencer àquele outro.





Comentário ao texto

1. FOI ASSIM QUE.

Todo e qualquer encontro pessoal tem sempre o momento 'Foi assim...': é lembrado o dia, a hora, o lugar... Na Vida Religiosa sempre deve haver um momento assim. Pode ser que ainda não tenhamos iniciado uma 'vida de penitência', mesmo tendo quarenta ou cinquenta anos de vida biológica, mas não de 'vida de encontro'. São Francisco tem nítida a recordação daquele momento, do momento do seu Encontro. Por isso em tudo o que se segue, usa expressões como: "O Senhor me concedeu", "O Senhor me conduziu", "O Senhor me revelou"...; jamais diz: "Eu encontrei". O Encontro acontece sempre como um dom. Estas expressões são a consciência de que o Encontro não é fazer algo a partir de mim, mas a partir de uma força maior, força que 'me atropelou', me convocou. 'Recebi', 'me foi revelado' são verbos nem ativos nem passivos; os gregos antigos os chamavam de 'medial' e significavam algo que vem, me atinge, cria uma liberdade dentro de mim, cria uma possibilidade.

As palavras, 'me deu', 'recebi' têm muita importância. Elas aparecem com muita intensidade também no Evangelho: Jesus sempre fala de receber, da incumbência de receber, de dom, de ser escolhido: são expressões de recepção, expressões 'passivas', onde 'o passivo' do receber não é passivo, mas uma outra maneira de indicar a dinâmica, a experiência do Encontro. Encontro é uma experiência humana toda especial, cuja linguagem é sempre receptiva, por haver um intercâmbio de amor e de liberdade.

O SENHOR.

A palavra Senhor é muito importante na espiritualidade. Todos os escritos espirituais, cristãos e franciscanos, usam a palavra 'Senhor'. Numa leitura essencial, do espírito, não é muito prático fazer ligação com certas pesquisas sobre o uso sociopolítico desta palavra pelos medievais. Hoje, em certas práticas pastorais a palavra 'senhor' é entendida a partir e dentro da estrutura sociopolítica de 'senhor-escravo'. Essa problemática ficou muito importante para nós; no entanto quando se lê na espiritualidade a palavra 'Senhor' é necessário se desligar imediatamente desta problemática, porque este tipo de ligação não deixa captar o significado próprio da palavra 'senhor' na experiência



religiosa. Isto não significa que a pesquisa histórica não tenha suas razões, mas a experiência religiosa-cristã tem a força de 'recordar' o sentido originário de certos conceitos elaborados em outra época.

A palavra 'Senhor' está, por exemplo, na expressão do Apocalipse 'Maranata', vem Senhor Jesus; ou na de São Francisco: "Meu Senhor e meu Deus"; ou na exclamação da Madalena: "Não sei onde colocaram o meu Senhor"; ou no dizer do salmo "Como os olhos das escravas estão fitos na mão de sua senhora, assim os nossos olhos no Senhor"; ou nos 'Oremos': 'Por Nosso Senhor Jesus Cristo': se quiser entender estes textos como um 'logos' do seguimento de Jesus Cristo, é necessário deixar de lado a compreensão 'sociológica', para ver o carinho, o apego, o chamego que está dentro desta palavra; ela indica a tonalidade fundamental da postura na qual estão todos os textos franciscanos.

Em toda a espiritualidade franciscana, a palavra 'Senhor' significa uma dimensão, uma realidade superior a toda a nossa competência, uma realidade que veio graciosamente ao nosso encontro com o Deus que nos amou primeiro. Em São Francisco o encontro recebeu o nome de 'Senhor'.

A experiência que está por trás da palavra 'Senhor' é chamada 'consciência do radical-outro'. A religião deve ter esse tom desde o início, a priori; por isso, o questionamento: será que Deus realmente apareceu e falou com São Francisco, é um questionamento 'bobo', pois, para se revelar, o Senhor não precisa aparecer e nem falar. Nesta dimensão todas as coisas que acontecem, são recebidas e captadas como condução do Senhor que o encontrou primeiro, que o chamou, que teve predileção por ele.

ME DEU A MIM, FREI FRANCISCO.

Ao falar assim, São Francisco está indicando uma incumbência, um programa de engajamento. É mais fácil inventar algo, que recebê-lo; é mais fácil, por exemplo, uma redação sobre um tema de livre escolha, do que receber a tarefa de desenvolver uma redação sobre algo que nunca foi experimentado. São Francisco recebeu um dom, uma graça; mas examine o trabalho que fez para receber! Tudo que nós recebemos de Deus exige um trabalho para manter-se na atitude de receber, para que a dinâmica do receber continue firme. Portanto, precisamos deixar a ideia que receber é fácil. Quem joga vôlei sabe muito bem que o mais difícil do jogo é a recepção; a recepção decide tudo, porque não adianta nem ser muito passivo nem ter muita força de agressividade; tem que entrar no movimento da bola que vem vindo, captá-lo e acolhê-lo.

O ponto mais importante, de que se deve cuidar o mais possível ao receber esses dons, é a afeição. Se um dia alguém, depois de muito tentar, sofrer, de repente, sem muito mérito, recebesse uma compreensão muito forte do seu caminho e dissesse: "Eu quero esse caminho!", São Francisco diria: "O Senhor o está conduzindo". E no dia seguinte a primeira coisa que essa pessoa deve cuidar, ao se levantar, é se lembrar daquela afeição, para que ela não esfrie, como que dizendo: "Senhor, ontem, tu me deste afeição muito grande; agora acordei; por favor, Senhor, faça com que essa afeição continue, pois aquilo é bom mesmo, não quero mais largá-lo!"; com isso coloca mais lenha na afeição. Não será que está na falta de cultivo da afeição a causa de não sermos muito conduzidos por Deus?

Às vezes recebemos uma vontade muito boa, disposta, mas não cuidamos da afeição; a deixamos ali, como se esse fogo durasse vinte anos; não colocamos mais lenha, e nem nos lembramos mais. Quem começa a se conscientizar que o caminho religioso é receber, metodicamente, vai tomar muito cuidado para não perder aquilo que recebeu, cultivando dia-a-dia a afeição, porque o nosso fogo a partir de nós é muito pequeno. A consciência de que a Vida Religiosa é um caminho de recebimento, faz surgir um método no qual o primeiro empenho é de, sempre de novo, renovar a afeição.



INICIAR.

Na vida espiritual sempre há um ‘início’. Iniciar significa entrar numa compreensão mais nítida do porquê, do para quê se está vivendo. Este iniciar é típico de todos os textos ‘espirituais’, pois são textos que falam do Encontro. É como o encontro do primeiro amor.

FAZENDO PENITÊNCIA.

‘Fazer’ é uma palavra muito importante para os medievais: eles não diziam viver e sim ‘fazer vida’, não diziam mastigar, mas fazer mastigação. Fazer significa: trabalho de fazer desabrochar, elaborar, trabalhar artesanalmente. São Francisco diz: “Eu comecei a trabalhar seriamente na transformação radical de mim mesmo, corpo e alma”.

Penitência, portanto, significa transformação radical; é ‘metanóia’, transformação da mente. Há quem diga que ‘transformação da mente’ é coisa ‘grega’, racionalista, porque muda a mente, mas não o coração. Não é bem assim, pois mente não é a ‘cuca’, mas o núcleo mais essencial do ser humano. Por isso São Boaventura escreveu o ‘Itinerário (caminhada) da mente para Deus’. Então metanóia, penitência não é se chicotear, jejuar, mas a transformação que vem da raiz de nós mesmos. Se uma pessoa, por exemplo., em vez de jejuar, se alimenta bem naquele dia e se dispõe a caminhar longa estrada, porque tem uma missão a cumprir, e em toda a sua caminhada renova a disposição do primeiro passo e se coloca na disposição, aconteça o que acontecer, de ir interpretando sua tarefa como o caminho do Senhor, o medieval dizia: está fazendo penitência. E se, lá no meio do caminho, descobre que antes vivia em excessos e que excessos significam não boa disposição, então talvez comece a fazer também exercícios de penitência.

Por essa transformação São Francisco começou a captar a vida, começou a ver todas as coisas a partir da dimensão do encontro com o Deus de Jesus Cristo. Francisco era um rapaz muito normal, cheio de vitalidade; tinha o seu ‘natural’, que recebera de Deus, mas aos poucos começou a entrar ‘alguém’ na sua vida. Esse alguém não era qualquer pessoa, mas o Deus de Jesus Cristo. E a partir disso se deram diversas passagens em sua vida, como a Legenda dos Três Companheiros (LTC) mostra claramente.

Esse ‘*transfert*’, essa passagem, onde se dá a compreensão da vida, onde começa a entrar a dimensão do Encontro, encontro radical que transforma aos poucos todo o sentido da vida, pelo que tudo o que se faz entra em outro ‘currículo’, é ‘fazer penitência’. Essas transformações ocorrem de maneira diferente em cada um, se concretizam em coisas diferentes. Em São Francisco se concretizam no encontro com o leproso.

COMO ESTIVESSE EM PECADO.

São Francisco diz: “Eu mudei; entrou alguém na minha vida e me conduziu. Tanto que quando penso em mim na situação anterior, tudo tinha gosto diferente; para mim era insuportável olhar para os leprosos: tinha repugnância total, era contra a minha natureza, mas tive o encontro com Jesus Cristo que me tocou. Aí mudou completamente a escala de valores”. São Francisco está relatando esse encontro com Jesus Cristo no leproso, e o que é anterior a esse encontro chama de pecado. No lugar desta expressão o medieval muitas vezes usava “quando estava no século”.

São Francisco era um jovem como qualquer outro, vaidoso talvez, mas muito generoso. Pensar: “São Francisco estava em pecado; o que será que ele fazia? Que pecado ele tinha?”, é entender o que aqui está sendo relatado como fenômeno moral. O entendimento do que seja ‘fazer penitência’ está ligado a uma compreensão de ‘pecado’



que vai além do nível moral. Em geral entendemos o fazer penitência de um santo como reparar os pecados cometidos. Não é assim que o padre diz: “Por penitência, reze cinco pai-nossos”? Quem se converte e inicia uma vida nova, às vezes diz: “Preciso pagar pela vida de pecado do passado”: está pagando pelos pecados do passado, para então ficar quites com Deus e quando morrer não ir para o inferno. Mas será que é isso mesmo que acontece com alguém que foi grande criminoso e se converte? Será que está só querendo não passar mal no dia do juízo? Ou não será que descobriu uma nova dimensão da vida, que teve encontro com uma pessoa ou com um valor, foi tocado por nova dimensão transcendental, e aí o que vivia antes, podia até ser coisa muito boa moralmente, vira palha, então diz: fiz penitência. Santo Agostinho dizia: “Tarde te conheci”.

Pecado aqui no Testamento não é questão moral; é aquela vida, aquele modo de ser, antes de se encontrar com o Deus de Jesus Cristo. Francisco não quer mais voltar àquela vida, pois aquilo não tem mais valor. É por isso, que na Vida Religiosa fala-se tanto de pecado. Entendendo pecado como pecado moral as coisas tornam-se deprimentes; mas entendendo como experiência de uma grande novidade, que faz com que o resto se apague sem gosto, falar de pecado é altamente vivificante.

Conversão significa: encontro com o novo, com o amor inesperado. Por isso se pode até dizer: somente entende o que é pecado, quem realmente ama, quem encontrou um grande amor; quem não tem esta experiência, não tem pecado, no sentido religioso. O fato de ter consciência limpa, no sentido moral, ainda não diz nada a respeito da experiência religiosa. Pode ser que não se tenha pecados morais, mas no momento que tiver encontro, se diz: quando estava no século, no mundo, naquela outra dimensão, eu era pecador. São Francisco pecou como qualquer jovem peca. No entanto, quando entrou na sua vida um amor, uma grandeza mais profunda, de repente, tudo que fazia antes, parecia perda de tempo; o que fazia era legal, não era contra a moral; no entanto, todo aquele tempo gasto em festas, agora que encontrou Jesus Cristo, perdeu gosto e diz: quanto tempo perdi!

Experiências assim, todos nós temos. Todos colocamos a questão da vida, em que ela consiste, o como se realizar. Muitas vezes somos lançados fora de tudo aquilo que buscamos; e de repente, somos surpreendidos por algo impensado. A experiência religiosa é uma experiência em que uma dimensão nova e radical surge e depois de surgir faz com que você diga: o que vivia antes era pecado.

O encontro é algo que conduz para começar uma coisa que, de alguma maneira, já nos havia atingido. São Francisco por caráter era uma pessoa cheia de bondade para com os outros, era generoso, possuía esse dom por nascimento; poderia tê-lo enterrado ou desenvolvido noutro nível, como o da amizade, ser agradável a todos... No entanto, de repente, na sua vida entrou Jesus Cristo que o conduziu pela mão; pegou esta qualidade e a levou a uma dimensão que ele chama de: “tive misericórdia”, e que no fundo é participação da maneira de Deus cuidar de tudo, da misericórdia de Deus.

O encontro religioso faz com que o que nós somos, seja levado, conduzido para uma dimensão radical de profundidade, para uma realização que está além do que usualmente chamamos de realização humana. Usualmente pensamos que realização é ter dinheiro, fama, sucesso, ter família, todas essas coisas; são coisas boas, valem, mas quem foi atingido pelo encontro, descobre que tudo é palha, e que o atingimento do encontro, em vez de ser contra a natureza no sentido de negar as minhas faculdades, pelo contrário levanta o nível delas numa dimensão maior. O encontro faz com que o que era negativo, o que era amargo comece a aparecer sob outra visão, numa nova escala de valores completamente nova. Antes havia o negativo contra o positivo; agora positivo e negativo foram colocados numa outra dimensão e o que antes era negativo, na nova dimensão aparece positivo.



ME PARECIA DEVERAS AMARGO VER LEPROSOS.

São Francisco está relatando o Encontro que deu início à sua vida nova. Precisamos detectar o que viu no leproso, e como é a doçura que surgiu, pois se pegarmos isso, pegamos o segredo de São Francisco. Aqui, por enquanto, ele está só relatando, está se lembrando daquele momento, como alguém que, no fim da vida, diz: “Comecei a viver naquele momento!”.

Ver é uma ação humana, mas indica também modo de ser: através do olho captamos todas as coisas, para depois valorizá-las. O ver é uma espécie de abertura, um captar na totalidade. Francisco ‘via amargo’. Há pessoas que, façam o que fizerem, vejam o que virem, são sempre pessimistas; pessimista é quem tem um ver azedo. ‘Ver amargo’ portanto, indica uma maneira total de relacionar-se com a realidade. Digamos que sou feliz; tudo é bonito; até que um dia descubro que fui abandonado por meus pais, que fui achado na rua e que sou filho adotivo; de repente o meu ver muda: tudo fica triste. Ver indica sempre uma compreensão, traz consigo sempre uma qualidade, como ver feliz, ver amargo, ver doce. A vida da mãe que perdeu o filho único assassinado torna-se sem sentido; imagine o olhar dessa mãe: quando o filho vivia, havia dificuldades, coisas amargas e doces, mas a vida na sua totalidade era doce; depois tudo se tornou amargo. Francisco tinha uma maneira de ver assim: quando via um leproso, de repente, toda a sua visão ficava amarga. “Quando ainda estava no pecado, quando ainda não tinha encontrado Jesus Cristo e ainda não tinha decidido ser seu cavaleiro, quando ainda não o tinha visto, a minha vida ficava amarga ao ver um leproso”. No leproso estavam todas as negatidades.

São Francisco encontrou uma libertação, onde nenhuma coisa era mais amarga; por mais negativa que fosse, depois daquele encontro, transformava-se em doçura. Precisamos, então, descobrir qual foi a intuição que brotou nesse encontro.

E O SENHOR MESMO ME CONDUZIU ENTRE ELES E EU FIZ MISERICÓRDIA COM ELES.

Dizer “eu tive misericórdia” é falar de um sentimento que a pessoa teve na hora, quando, porém, se diz ‘fiz’ significa ‘eu elaborei, trabalhei a misericórdia’; é um trabalho hermético, escondido, muito humilde, aparentemente passivo, mas de grande sensibilidade, que poderíamos chamar de força dos pobres, força do indigente, do mísero: misericórdia (cordia: essência do coração).

Se você remover a imagem ‘grande’ de Deus, teria que imaginá-lo: humildade, pobre, sofredor, mas cheio de generosidade, tenaz, corajoso, e isso tudo aumentado ao infinito. Este modo de ser é a misericórdia que Deus tem: uma coragem, uma compaixão imensa por tudo quanto é negativo, em qualquer nível esteja a negatividade; e onde não há esse ânimo, Ele está aí com uma vontade doida de cuidar, de transmitir vida, como mãe que cuida do filho doente. São Francisco descobriu que existia uma realidade assim, que existia um coração assim, e quem tinha esse coração era o Deus de Jesus Cristo.

O mestre nesta busca era Jesus Cristo, o amigo, o mestre a quem iria seguir e a quem diria: “Me conduza para onde quiser, quero te imitar”. A partir desta determinação não há mais coisa que seja amarga. Então, São Francisco foi conduzido para o meio dos leprosos, e neles viu todo o mistério do Amor de Deus, do Amor que Deus tem. Encarnação significa isso: participar do sofrimento, ser mortal nesta terra, carregar as limitações, ter que ficar doente, ter que ficar velho; tudo isso pertence ao cuidado de Deus, que está em toda a parte com essa força, com essa vibração de cuidar de tudo.

Atualmente os animais estão sendo usados, para fins terapêuticos, com crianças problemáticas, pessoas abandonadas, neuróticas, psicóticas. Também as plantas e os peixes têm a força de acalmar as pessoas. Um medieval diria: o animal, a planta é a maneira de Deus cuidar de nós, se encarnando neles. Uma enfermeira, pode até ser



peessoa ruim, mas enquanto cuida do doente, é como que a passagem do cuidado de Deus. Já imaginou, o volume do cuidado de Deus, no mundo inteiro!?

Para entendermos bem como é a misericórdia de Deus vamos recorrer a esta história japonesa. Havia um príncipe com a esposa e as crianças. Trabalhava com eles uma empregada bem jovem de origem camponesa que cuidava das crianças; havia muita afeição entre ela e a patroa. Um certo dia, ao falecer, a patroa pediu encarecidamente à empregada de cuidar das crianças; esta prometeu que o faria. Nisso aconteceu que o príncipe empobreceu e teve que ir para outro feudo em busca de serviço. Por causa do empobrecimento não mais podia pagar a empregada; e quis dar-lhe liberdade para ela se casar, mesmo gostando imensamente que ela cuidasse das crianças. A empregada disse então que não precisaria ser paga e que cuidaria das crianças da mesma forma. Mas o príncipe não quis por causa da dificuldade em que colocaria a menina; e quis entregá-la aos seus familiares. Conta a história que um certo dia a empregada ficou extremamente alegre; mas quando foi a noite não a acharam em canto nenhum; foi encontrada caída num buraco abobalhada e muda. Aí o príncipe a levou consigo para cuidar dela no novo feudo. Ainda que abobalhada, porém, ela cuidava das crianças e dava conta com muita criatividade da família. O príncipe se restabeleceu economicamente; mas passando o tempo veio a falecer ele também. O príncipe herdeiro, no dia da tomada de posse, chamou a empregada e lhe disse com muita reverência: “Você foi mais que mãe para nós. Todo mundo diz que você está abobalhada e muda, mas eu desconfio: você está se fingindo de muda; por favor, pode deixar de fingir. Eu quando pequeno, já escutei você falar de noite, em sonho”. Nesta altura a empregada quis falar, mas não conseguia.

São Francisco entende o amor de Deus assim; vê nele um servo misericordioso, numa atitude semelhante à da empregada. É que Deus se faz tão humilde que dá a impressão de que somos nós que estamos cuidando Dele! São Francisco começou a entender assim o ‘Pai da misericórdia’. Este é então um ponto muito importante na compreensão que São Francisco tem do Deus de Jesus Cristo.

E ENQUANTO ME RETIRAVA DELES, JUSTAMENTE O QUE ANTES ME PARECIA AMARGO SE ME CONVERTEU EM DOÇURA DA ALMA E DO CORPO.

Amargo é o negativo, o que é contra o nosso modo de enxergar a vida, o que ameaça o sentido da vida que temos. Doce é o que mais se aproxima. Pois cada um de nós tem um núcleo a que está bem agarrado, tão agarrado que, ao se tirar esse núcleo, há pessoas que perdem o sentido de viver. Este ponto central a que estamos agarrados e a partir do qual tiramos o sentido, o ânimo da vida, isto é, o gosto de viver, é o doce.

Aqui percebemos porque São Francisco não podia ver leprosos. Um enfermeiro numa colônia de hansenianos não tem a repugnância que São Francisco tem. Francisco era tomado por um calafrio quando via leprosos, de tal maneira que, mesmo querendo ajudá-los, não conseguia. Mas um dia começou a ver Jesus Cristo no leproso, então a coisa virou inteiramente, o agarrou e beijou; não somente, foi viver com eles. Francisco encontrara um registro religioso-existencial, a partir do qual, aconteça o que acontecer, não há mais frustração, possibilidade de descobrir o sentido pleno, positivo de tudo, até do negativo. Antes disso, tinha coisas agradáveis e coisas desagradáveis, mas depois não tinha mais nenhuma coisa que lhe desagradasse e o que antes o fascinava, perdeu seu fascínio.

Surge de novo a pergunta: Ao querer ser religioso, onde coloco o tesouro do meu coração? A partir dessa ‘colocação’ certas coisas são ‘doce’ e outras ‘amargas’. Se o tesouro, a medida do meu coração é ser reconhecido pelos outros, no momento em que não for reconhecido, terá amargura; se é ter uma vida cômoda, no momento que a vida se tornar incômoda, terá acabado também a doçura da vida. Todos temos uma estrutura existencial assim, mas raramente nos conscientizamos disso, raramente organizamos a nossa vida entorno da busca de um tesouro tão grande e forte, pelo que, aconteça o que



acontecer, jamais a vida vai virar contra nós como uma infelicidade; no entanto, a Vida Religiosa é um caminho para descobrir esse registro central.

É isso que São Francisco ensina, quando diz: “Quando estava no pecado, me parecia... e o próprio Senhor me conduziu entre os leprosos, e fiz misericórdia com eles”. Numa busca assim, ambiciosa, de um registro absoluto, onde absolutamente quero me realizar, tem alguém que conduz; por si mesmo ninguém conseguiria, mas no momento em que alguém se coloca nesta busca, tem alguém que está sempre à disposição para conduzir: o Deus de Jesus Cristo.

E DEPOIS DISTO DEMOREI SÓ BEM POUCO E SAÍ DO MUNDO.

É como alguém que está para se despedir de casa e no limiar da porta hesita um pouco, para, dá um impulso e sai. ‘Mundo’, aqui, não é o universo; não é a sociedade propriamente dita; sair não é ir para o eremitério, não é se entocar num convento. ‘Mundo’ é uma maneira de ver e sentir muito usual. Ninguém de nós, por exemplo, tem interesse de se fantasiar para o carnaval ou de participar no concurso de fantasias para ganhar o primeiro lugar. Mas, há pessoas que dão a vida para isso. Você prefere ir para a lanchonete e comer uma pizza! Mas quem ganhou o primeiro lugar no concurso de fantasias, lhe diria: “Esse frade, essa irmã é doida, está jogando fora uma pérola. Imagina, o primeiro prêmio do concurso de fantasias! Na sociedade, tem um valor enorme!”. São Francisco a uma compreensão da vida desse tipo, chama de mundo, mundano.

Este ‘abandonar o mundo’ foi interpretado como desprezo, como abandono do mundo por egoísmo espiritualista. Não é nada disso; abandonar o mundo significa: entrei para o reino de uma outra dimensão, para um valor mais fundamental. Por exemplo, do mundo do ‘direito’ passei para o mundo da ‘justiça’. São Francisco, portanto, não está abandonando, mas se colocando mais a fundo. Certos valores, por exemplo, a busca da sobrevivência, quando não exacerbados, são valores mesmo; mas quando exacerbados levam até a matar, como no caso de pessoas que numa excursão sofrem desastre, longe de qualquer recurso; a comida começa a acabar; a fome bate; só sobra um pedaço de pão; e na luta pela sobrevivência, um tenta eliminar o outro para sobreviver; no fim, o que é mais forte, mata o que quebrou a perna e não pode se defender. Há, porém, outra possibilidade: de alguém viver numa outra dimensão: “Eu tenho direito à sobrevivência, mas o outro também tem”; todo mundo tem direito, no entanto alguém tem que se sacrificar, para o bem dos outros; é o que o cristianismo chama: dar a vida para os outros. Mas este ‘dar a vida para o outro’ vem da dimensão de Deus. ‘Deixar o mundo’ vem de um toque que chamamos Encontro, que faz surgir uma dimensão nova, mais profunda, divina, sem a qual os valores deste mundo, mesmo que bons, podem levar ao que não é bom.



2. O SENHOR ME DEU TAL FÉ NAS IGREJAS.

Cada vez que via uma igreja, Francisco se lembrava do Encontro. Igreja era o lugar onde se materializava o invisível, mas mais real do que a própria realidade, pois havia a cruz, a presença eucarística...; a igreja-templo era como que a materialização do Amor de Deus espalhado em toda parte. Francisco entrava nela, fazia sua oração, adorava o Deus-misericórdia. Ele gostava de ficar lá, estava em casa. É bonita esta fé, porque é uma fé quase material.

Isso parece infantil, mas na realidade nada tem a ver com infantilidade e muito a ver com uma força real, criativa. O que nós chamamos de fé, é muitas vezes, abstrato. Francisco vê a Eucaristia e pensa: “Aqui está o Senhor, humilhando-se o dia todo; isso é incrível! Vamos lá fazer a mesma coisa”. É como estar comendo e só ver o ‘encher a barriga’, definindo tudo o mais de simbólico e abstrato; enxergar assim o pão posto na mesa é reduzir o pão a uma das realidades mais abstratas! Sentar-se à mesa e comer pão é antes de tudo convívio; o humano se senta à mesa para comer, porque, ao comer, não só enche a barriga, mas, sobretudo, faz a refeição, isto é, faz convívio; fazer convívio é mais real e mais importante do que o próprio comer.

Ao ver uma igreja, São Francisco dizia: “Aqui tem a força divina; é esta força que construiu a Igreja. Há uma grande multidão de irmãos e irmãs que estão caminhando comigo. Eu pertenço à história cristã; estou caminhando junto com tantos irmãos. Que não dê para ver não interessa; há muita coisa que não dá para ver!”. Uma fé assim é ingênua ou corresponde mais à realidade do que quem vê símbolos e abstrações? São Francisco tem essa fé que, no fundo, é a maneira mais real e aproximada de corresponder à realidade. Nós estudamos, somos eruditos; quando olhamos uma igreja só vemos prédio ou uma manifestação cultural, este ou aquele estilo. São Francisco diz: “Tudo isso não me interessa, aqui eu vejo concretizada a salvação” e se ajoelha, reza e adora. Há algo mais real, mais concreto do que isso?!

12

QUE SIMPLEMENTE ORAVA E DIZIA: “NÓS VOS ADORAMOS, SENHOR JESUS CRISTO AQUI E EM TODAS AS VOSSAS IGREJAS QUE ESTÃO NO MUNDO INTEIRO, E VOS BENDIZEMOS PORQUE POR VOSSA SANTA CRUZ REMISTES O MUNDO”.

É esquisito São Francisco ter fé nas igrejas em que entrava! Ele não diz: “Eu tinha tanta fé”; diz: “O Senhor me deu tanta fé”.

A oração que São Francisco rezava é interessante. Na igreja há cruz, altar, sacrário com a Eucaristia...; cada vez que via uma igreja, ele via Eucaristia e cruz; não eram símbolos, mas a recordação materializada do Encontro que tivera com Jesus Cristo: “Aqui, materialmente na igreja, no prédio, está concentrada aquela verdade que um dia, no encontro, me atingiu e que é a força da minha vida”. Por isso Francisco fazia fé nas igrejas, gostava de entrar nelas, ajoelhar e fazer aquela oração que apontava para a energia que o fazia viver. Dizia: “Tu vieste morar conosco, anunciar quem és tu, que és um Amor misericordioso; morreste na cruz, e nos chamaste para participar disso”. E a partir disso ampliava o horizonte para o mundo inteiro: estar aqui, nesta igreja, é o mesmo que estar em todas as igrejas do mundo inteiro. Era realizar, num ato concreto, aqui e agora, nesse prédio, sua participação na comunhão dos santos, participação naquele vigor que veio do Pai em Jesus Cristo, vigor que está atuando em toda a parte. Isso é bem diferente de você fazer uma adoração ao Santíssimo ou a comunhão particular sacramental. São Francisco se despertou para isso só depois do Encontro. Talvez antes fosse piedoso ao ir à igreja, mas ainda não tinha entendido o que significava entrar na Igreja e rezar. O beijo do leproso e o crucifixo lhe revelara o que significa igreja.



São Francisco tinha essa maneira de fazer ‘simplesmente’. Este ‘simplesmente fazer’ se caracteriza como não duvidar daquilo em que acreditava, e confirmar, quando aparecia alguma dificuldade, o que acreditava para aí dentro descobrir novos caminhos. Desse jeito foi compreendendo cada vez mais aquilo que ele mesmo queria. É uma maneira interessante e prática de agir: não é miraculosa, mas faz com que Deus aos poucos fosse dando mais fé e Francisco fosse entendendo cada vez mais.

Por trás disso há uma ‘educação discipular’: uma maneira de colocar-se na vida onde o que tocou, o que é nobre, jamais é posto em dúvida. Não diz: é bonito demais! e por isso desanima! Em vez de desanimar coloca-o como fundamento de seu querer e usa de tudo o que vem à sua frente para tentar realizá-lo, pelo menos um pouquinho. Francisco fazia o que estava entendendo no momento, mas esse entender não é fazer ‘meu dever e pronto’, e sim estar perto do mestre, estar atento ao mestre.

Esta existência se chama fé. Acreditar aqui significa ter uma positividade absoluta. Essa positividade se encontra muito em certas pessoas e em certas gerações. Nós temos muita dificuldade de sermos assim; estamos sempre corroídos pela dúvida. Mas os primeiros franciscanos não se permitiam duvidar de Deus. Não que eles não duvidassem, eles não se permitiam duvidar! Isso acontece também conosco com certos valores; mesmo enganando a si mesmos, não se deixa entrar a dúvida.

Jesus Cristo como pessoa humana tinha todas as condições de duvidar do Pai, mas ele jamais duvidou, jamais colocou uma sombra de dúvida. São Paulo diz: ‘Sei em quem acreditei’. O seguidor de Jesus Cristo, aconteça o que acontecer, pode e deve dizer o mesmo. Esse é o sentido originário da afirmação que Deus cuida de todos.



3. DEPOIS DISSO O SENHOR ME DEU E AINDA ME DÁ TANTA FÉ NOS SACERDOTES QUE VIVEM SEGUNDO A FORMA DA SANTA IGREJA ROMANA, POR CAUSA DE SUAS ORDENS.

Em São Francisco apareceu um novo valor no que antes era desvalor; era uma conquista que devia ser trabalhada; esse trabalho aparece nele de uma maneira estranha para nós, pois diz: “O Senhor me conduziu aos leprosos e eu me transformei. Depois disso ele me convidou a elaborar melhor essa nova vida, progredindo de etapa em etapa para firmá-la e compreendê-la melhor. A primeira lição que ele me ensinou foi ter fé nas igrejas, e depois de me ter exercitado nisso, recebi habilidade para fazer a mesma coisa com os sacerdotes, pois comecei a enxergar em tudo a Eucaristia, o corpo e sangue do Senhor”.

Essa colocação é estranha, porque, em vez de dizer Igreja, fala de igrejas, em vez de sacerdócio de Cristo, fala de sacerdotes, em vez de palavra de Deus, fala de teólogos. Igrejas, sacerdotes, teólogos em si não valem nada, pois são cheios de defeitos, mas no fundo destes defeitos está Jesus Cristo crucificado, está a Eucaristia. Cada vez que São Francisco encontrava um sacerdote, não queria considerar senão o Filho de Deus que o sacerdote recebe e serve como corpo e sangue do Senhor. Ele tinha entendido que toda a caminhada nova devia ser realizada a modo de crucificado e de Eucaristia; a sua devia ser uma encarnação nua e crua, expondo-se a uma transformação dentro de um engajamento cordial na situação finita, isto é, dentro da situação concreta da Igreja.

O modo de ser de São Francisco, portanto, não é espiritualista, mas de certa forma quase materialista, ultrapassando tudo e vendo em tudo atuação do único mestre Jesus Cristo. Essa pureza realista do caminhar, essa maneira inteiramente pobre da encarnação, é o que caracteriza a primeira fase da conversão de São Francisco. Ele diante do teólogo, do sacerdote, da igreja, transcendia, mas não como quem passa por cima, mas ‘por dentro’. Esse modo de fazer foi chamado por ele de ‘Senhora pobreza’. Na Cruz e na Eucaristia via o estilo do fazer de Deus, chamado de Encarnação pelos teólogos.

O estilo de São Francisco se caracteriza ainda como alguém que não olha para trás. Queria ser cavaleiro, ficou preso, mas não olhou para trás; na prisão em vez de ficar frustrado, buscou a maneira de ser cavaleiro na prisão; em tudo, também na prisão, em vez de olhar para trás, olhou para frente; parece um tatuzinho furando um túnel: não larga os passos feitos e não se sente atrapalhado pela dificuldade, mas usa dela como chance de ser cavaleiro. Saiu da prisão e tentou de novo, e ao ter uma visão na qual se lhe pergunta se queria servir o servo ou o Senhor, escolheu o Senhor, e retornou para Assis. São Francisco nunca diz que fracassou, mas anda sempre para frente. Ele tem uma positividade que de antemão lhe faz dizer a si mesmo: este acontecimento é encontro, atrás está o Senhor que chamou.

Nós sempre buscamos compreender, querer, sentir as coisas, a partir da referência que elas têm conosco; consequentemente tudo que é anterior a nós fica despercebido. Mas a Vida Religiosa, o Seguimento é exatamente o que ‘nós não somos’: o que aconteceu antes, o fato de Alguém nos ter amado primeiro, é a força principal da Vida Religiosa e do Seguimento. Assim, em nossa conscientização vivemos uma experiência muito válida, mas que não é experiência de um chamado divino.

Toda essa experiência anterior a nós é angustiante porque não está sob o nosso controle. Quem me garante que Deus me escolheu? Quem me garante que eu tenho vocação? Buscamos alguma certeza para nos tranquilizar; aí começamos a analisar um monte de coisas. Ao passo que para outras experiências humanas não precisamos fazer toda essa ‘pesquisa’. Quem tem um bom relacionamento com os pais, quem experimenta o amor de mãe, não precisa averiguar; se averigua somente se há dúvida; mas antes de duvidar já está vivendo; a averiguação é posterior ao amor da mãe, pois ele independe de sua averiguação: ele está aí.



Há uma experiência, o encontro, que a nós parece vazia, mas que é a experiência de uma realidade anterior a nós, que não precisa ser averiguada, pois é justamente por causa dela que eu existo. A experiência religiosa diz: se eu existo é porque Alguém me amou primeiro, se não, não existiria. E a partir disso vive tranquila, não duvida; em vez de se perguntar se Deus lhe quer bem, diz: “Se está acontecendo alguma coisa que não entendo, de antemão minha experiência é de que Ele me amou primeiro e me ama. Se acontece algo negativo, isso jamais é sinal de desamor de Deus; isso também será sinal de seu amor e por isso vamos investigar para entender melhor”. Este a priori se chama fé.

Essa é a base da força do querer do religioso. Mas como adquirimos uma outra maneira de pensar, onde esta experiência do anterior não é considerada importante, temos a tendência de afirmar o nosso eu. A experiência do ‘eu’ é importante, mas até certo ponto; na experiência religiosa o ‘eu’ não dá força e faro suficiente, comparável à força da fé. Dizemos: fé, eu é que a tenho; conseqüentemente quando ‘eu’ não a tenho, quando não estou disposto, não sei mais como fazer. Na experiência religiosa, sinta ou não sinta, há a certeza de que Deus ama, e a partir disso o religioso se motiva.

No caminho da fé tudo que se ‘recebe’ é conquista. Parece esquisito, mas é assim. Nós pensamos: “Se recebemos não precisamos nos esforçar?”. Mas é o contrário: “Mesmo porque Ele me amou primeiro de graça, então vou me esforçar! Não vou deixar isso à toa; vou trabalhar para permanecer nessa graça; o que com toda gratidão recebi, eu o conquistarei, eu o merecerei”. O fato de ter recebido cria um compromisso que não é ‘obrigação’, mas um compromisso de gratidão. É a ‘Graça cara’, em oposição à ‘Graça barata’ de que fala Dietrich Bonhoeffer no seu livro ‘Discipulado’. É dom, é graça, por isso é máxima conquista! No amor de amizade acontece o mesmo; nós não o merecemos, mas quem é amado quer ‘merecê-lo’, isto é, sente o apelo a não desperdiçar o que recebeu.

Aplicando essas considerações para a nossa vocação:

Vocação é um dom. Pensamos: se não tenho certeza que a recebi não adianta me esforçar. Mas também se tiver certeza, não adianta, porque é Deus quem dá! Deveríamos raciocinar diferentemente: não sei se a tenho, mas se a tiver e bobear, vou perder um dom preciosíssimo; então mesmo não sabendo se tenho, vou me esforçar para conquistá-la. E tendo certeza de tê-la, deveríamos dizer: “Minha nossa! O Senhor me deu coisa preciosa! Tenho que trabalhar mais”.

Se um religioso depois de uns quinze anos de Vida Religiosa disser que não tem mais vocação religiosa, é porque não a trabalhou direito; pois se ficou tantos anos é impossível que não a tivesse. Pode ser que tenha trabalhado tanto de descobrir que não a tinha; neste caso, se foi um trabalho sério, na vocação mesmo, essa pessoa permanece fiel ao chamado em outro estado de vida. O problema mesmo surge quando não há trabalho. Certamente, não dá para julgar, mas dá para sentir se houve trabalho ou não. Há ex-religiosos que realmente trabalharam esta questão e não saíram ressentidos com o passado. Mas quem sai sem ter feito um bom trabalho fica frustrado.

Na vida, em cada vida, há o apelo de viver uma vida que vale a pena ser vivida; a partir disso se pensa, se luta, se escolhe... Na Vida Religiosa, pode ser que o engate nessa exigência aconteça, mas pode ser que haja resignação ou negligência por um tempo. A própria comunidade pode negligenciar esta busca, fazendo esmorecer a fidelidade e o elã da fé positiva. Nela há maneiras de trabalhar para entrar, maneiras de trabalhar para sair e maneiras de, já estando dentro, trabalhar para entrar, pois ainda não se entrou. E pode ser que mesmo dentro deste esmorecimento aconteça novo chamamento de Deus. Não será que às vezes se entra pra valer somente depois de vários anos de Vida Religiosa?! Isso não significa que antes não estava! Essa entrada é engraçada, pois não é a entrada de um limiar; é uma entrada que tem vários limiares, isto é, se precisa sempre de novo estar entrando, até engatar no caminho e este atrair de tal maneira que se possa dizer: este é o caminho que positivamente eu quero!



Se é assim, a realização da minha vocação depende de mim?! É necessário, porém, entender bem este ‘depende de mim’. Ele significa: eu tenho a tarefa de trabalhar intensamente nisso; por exemplo, depende de mim me colocar numa pertença mais cordial para com a tradição franciscana, com a comunidade ou diante de uma insatisfação. Depende de mim como entender as coisas, como cada vez descobrir um sentido novo. Essa maneira de se apertar na vida faz brotar a alegria.

O Testamento tem atrás uma pressuposição: a existência discipular. Todo o processo da vida de São Francisco descreve a estrutura, isto é, a constituição interna da existência discipular. Na existência discipular, existência não é algo em cima do qual se coloca primeiro o viver vegetal, depois o viver animal, o viver psíquico, o viver humano e em cima destes o viver religioso. Na existência discipular o humano desde o início, é uma decisão: todo e qualquer processo, desde o início, é a história da aventura do encontro com Deus, na urgência de, em cada passo da caminhada, ter que conquistar o significado próprio do humano. Um religioso, ao sentir a vocação, enceta o caminho, constituindo-se como ‘humano’ no risco de busca e de sua consumação; um casal, numa caminhada a dois, vai se constituindo como ‘humano’ no risco desta caminhada. Por isso na existência discipular não se usa mais a linguagem pedagógica usual: antes o vegetal, depois o animal, o psíquico, o humano e enfim o religioso. Em cada um dos níveis, mesmo as coisas que parecem desumanas na compreensão dominante e geral, são vividas como um desafio de tirar delas sua mais radical significação dentro daquela determinada caminhada.

Costumamos dizer que São Francisco tinha um componente humano que foi assumido pelo viver religioso. Sob a influência da psicologia e da sociologia, interpretamos a existência humana como sendo antes ‘natural’ e depois outra coisa. Isso, porém, não passa de uma abstração, porque o que chamamos de instinto natural já nasce dentro de uma família que já tem uma história, uma raça, uma condição social, cultural; desde o início está num perfazer-se que nós abstraímos, pensando que existe algo em si, o natural, ao passo que para estes textos o ‘natural’ não existe! No entanto, em São Francisco desde o início, tudo está já subsumido, engatado no chamamento que começa a aparecer depois aos poucos. Isso dá outra abordagem para a explicação de nossa vocação. Esta existência ou história, não acontece só com o religioso-pessoa, mas também com as Congregações e as Ordens.

QUE, MESMO QUE ME FAÇAM PERSEGUIÇÃO

O submeter-se, não é de escravo. É ter para os sacerdotes a mesma disposição que a Eucaristia tem em referência a todos nós. Pão então era comida comum, vinho também; para nós, seria como pão e café com leite; a Eucaristia está sempre debaixo, escutando, acolhendo com gratidão. Em vez de ser passivo, tem uma força intensa de disposição.

E SE TIVESSE TANTA SABEDORIA QUANTA TEVE SALOMÃO, QUERO RECORRER A ELES.

Ainda tendo tanta sabedoria como Salomão, eu os procurarei e ouvirei a pregação deles. São Francisco não diz: “Esse padre, sempre o mesmo sermão! Não vou escutá-lo, eu que estudei teologia; eu sei muito mais do que ele”. Ao contrário diz: “Ah sim, esse padre fala sempre ‘arroz e feijão’; vamos escutá-lo!”, e de repente naquele sermão chato, sempre o mesmo, Deus se revela.

No Japão, se faz quimono com tecido multicolorido, para atrair os turistas; são bonitos só de aparência. Se você quer ver os artigos bons mesmos, nessas cidades turísticas, tem que ir lá nos fundos da loja. Só quem entende mesmo, é capaz de reconhecer, naquilo que parece tão comum, a boa qualidade. São Francisco vê com um gosto assim o sacerdote: “Esse homem pode ser imprestável, eu bem sei, mas não vou



estragar o gosto para o Mistério que atua nele”. Esta postura torna Francisco capaz de captar em toda a parte a aparição de Deus que sempre aparece humildemente. Para isso, porém, não se pode ter o gosto drogado pelo sensacionalismo da subjetividade.

E SE TIVESSE TANTA SABEDORIA QUANTA TEVE SALOMÃO E ENCONTRASSE MISEROS SACERDOTES DESTE MUNDO - NAS PARÓQUIAS EM QUE MORAM NÃO QUERO PREGAR CONTRA A VONTADE DELES. E QUERO TEMER, AMAR, HONRAR A ELES E A TODOS OS OUTROS COMO A MEUS SENHORES. NEM QUERO CONSIDERAR O PECADO DELES PORQUE NELES RECONHEÇO O FILHO DE DEUS E ELES SÃO OS MEUS SENHORES. E FAÇO ASSIM PORQUE DO MESMO ALTÍSSIMO FILHO DE DEUS NADA ENXERGO CORPORALMENTE NESTE MUNDO SENÃO O SEU SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE, QUE ELES RECEBEM E SOMENTE ELES SERVEM AOS OUTROS. E QUERO QUE ESTES SANTÍSSIMOS MISTÉRIOS SEJAM HONRADOS E VENERADOS ACIMA DE TUDO EM LUGARES PRECIOSOS. E ONDE QUER QUE ENCONTRE EM LUGARES INCONVENIENTES OS SEUS SANTÍSSIMOS NOMES E PALAVRAS ESCRITOS, QUERO RECOLHÊ-LOS E PEÇO QUE SEJAM RECOLHIDOS E GUARDADOS EM LUGAR DIGNO.

É muito importante entender porque São Francisco dá tanta importância à Eucaristia; e não somente à Eucaristia, mas a todo o modo-de-ser que intui nela.

Nós temos uma concepção ‘teológica’ da fé, achando infantil o povinho que vai para a igreja, tira o chapéu, entra, reza e adora. Dizemos: “Que ignorância; Deus está em toda a parte!”. Mas na igreja está a Eucaristia e na Eucaristia, Jesus Cristo. Nós temos dificuldade porque nos perguntamos como Ele está dentro do pão? São Francisco e o ‘povinho’ não se colocam esta questão, porque vivem na gratidão: “O Filho de Deus está aqui presente; ele vem a nós; vamos adorá-lo, rezar, recebê-lo”; e com isso tiram uma grande força para a vida. Nós comungamos todos os dias, e não tiramos força nenhuma! É porque nosso gosto é muito grande; esperamos, depois de comungar, sair inteiramente iluminados!

Deus, no seu modo de ser, não é excessivo: quase não dá para perceber onde Ele está. É como um tímpano finíssimo: quase não se vê, mas vibra por qualquer coisa. Por isso São Francisco andou procurando Deus por toda parte: olhou para a grandeza do céu, olhou para a tempestade... e não encontrou Deus; foi olhar o pedaço de pão eucarístico e lá o encontrou. É em coisinhas assim que ele está, e ninguém lhe presta atenção; só se presta atenção quando se está com fome. Quando alguém está com fome mesmo, cata um pedaço de pão até do chão; mas quando está satisfeito, nem olha; joga no lixo.

São Francisco vive admirado com o fato que o Deus anunciado por Jesus Cristo seja tão humilde, tão pobre, e que nessa pobreza tenha uma enorme sensibilidade com a vida. Quanto mais alguém fica humilde, torna-se mais disposto para cuidar, como Deus cuida, de todas as coisas que existem por aí; pois Deus, onde tiver um pouquinho de vida, tenta fazê-la aparecer; ele mesmo, porém, não aparece com brilho. Isto significa que o seguimento de Jesus Cristo, aos poucos, vai nos introduzir num estilo de vida, um modo de ser quase diametralmente oposto àquele que a sociedade de hoje prega e busca.

Nós hoje, por exemplo, ficamos enjoados quando temos que rezar cinquenta ave-marias todos os dias; então vamos cantar cinco e partilhar mais cinco! Isso acontece porque a expectativa do nosso gosto é excessiva, como se disséssemos: “Pão seco é muito pouco, precisa de manteiga e outras coisas”; nós não conseguimos mais vibrar com o pouco, vibramos numa exigência sempre ‘demais’. Isto significa que o nosso gosto não vem da coisa ela mesma, vem do nosso próprio eu. E por isso ficamos quase impossibilitados de, humildemente, com toda a atenção, escutar o que está perto de nós e descobrir nele um gosto todo novo, mais sóbrio, menos salgado, menos doce, mas que tem gosto verdadeiro.



Esse modo de ser de Jesus Cristo, que chamamos de Senhora Pobreza, pobreza de Deus que se faz um pedaço de pão para nos servir, nos orienta para fazer surgir dentro do nosso próprio eu o gosto originário, de Deus mesmo. O gosto de São Francisco é o oposto do gosto da publicidade; e à medida que cultivamos e fortalecemos o gosto originário, o nosso gosto e o nosso modo-de-ser fica forte, capaz de renovar a terra com a força que a humanidade, de tanto se exceder conforme o seu gosto, foi esquecendo, estragando, prejudicando.

Nossa expectativa em referência à comunidade, por exemplo, é excessiva: deve ser muito harmoniosa e cheia de caridade; achamos que isso deveria ser o normal e quando não é assim, ficamos chateados e desanimados. O seguimento de Jesus Cristo nos mostra outro gosto: o gosto de servir ao outro, cozinhar..., mesmo meio chateado. Assim muda o referencial da comunidade. Na amizade, pensamos que o amigo jamais nos trairá; mas pode ser que o amigo, na hora 'h' traia e no dia seguinte nos ajude de todo o coração; temos gosto tão fino que, traídos uma vez, já nos desligamos, e o ato seguinte de bondade já não tem mais valor. Imagine se Deus fizesse assim conosco, estaríamos perdidos! Muito pelo contrário, por mais que o traiamos, Ele acolhe o nosso menor ato de boa vontade, esquece tudo, e fica grato! É assim que também os pais fazem com os filhos.

E DEVEMOS HONRAR E VENERAR TODOS OS TEÓLOGOS E OS QUE NOS MINISTRAM AS SANTÍSSIMAS PALAVRAS DIVINAS COMO A QUEM NOS MINISTRA ESPÍRITO E VIDA.

Não por serem teólogos ou por pertencerem à classe intelectual. São Francisco diz: "Deus, que é altíssimo, tornou-se pão e vinho para estar presente no meio de nós, aparecendo nas coisas mais humildes e comuns, porque esta é a sua maneira de ser disponível. Adequando-me a isso, vou ter uma maneira muito obediente de receber: onde houver sua presença, procurarei captá-la; se um teólogo me fala, pode até ser meio incompetente, ideologizado ou sabichão, atrás de sua palavra está a Palavra de Deus".

Com isso Francisco também toma a atitude de pão e vinho, bem humilde para captar a presença humilde de Deus. Isso faz lembrar a afirmação "o que era amargo", devido ao excesso de expectativa, "ficou doce e o que era doce, ficou amargo". Depois que se encontrou com Cristo, o seu gosto mudou; descobriu um outro gosto. Quando esse gosto toma conta da pessoa, esta fica mais pobre e sua vida mais gostosa; pois lá onde antes não encontrava nenhuma fraternidade, de repente, com grande gratidão, a encontra, não por um dia inteiro, mas por cinco minutos, cinco minutos que, passado um tempinho, vêm de novo. Esta pessoa encontrou a fraternidade!



4. E DEPOIS QUE O SENHOR ME DEU IRMÃOS.

‘Deu irmãos’: na imensidão dos irmãos do mundo inteiro me deu um pouquinho! Todos são irmãos; mas dentre eles surgiu um grupo que têm estilo próprio de caminhar. Precisamos nos conscientizar que toda a nossa missão de cristãos é ver no mundo inteiro, desde as minhocas até as estrelas, tudo, como irmãos no sentido literal, pois, todos puxam o sangue de Deus. Mas, ao ficarmos franciscanos ganhamos irmãos especialmente para a caminhada religiosa e formamos um grupo que aparece institucionalmente como Ordem.

Precisamos nos conscientizar dessa pertença histórica especial. Usualmente pensamos que fomos nós que escolhemos a Ordem, nós que entramos e fomos buscar irmãos nela. São Francisco não pensa assim; ele usa uma linguagem engraçada; fala como se alguém estivesse em sua casa e na família nascesse um irmãozinho; os pais não podem escolher, mas se têm a consciência de tê-lo recebido; seja ele paraplégico, retardado, ou um gênio, começa uma história. Do mesmo jeito a nossa entrada na Ordem: é um compromisso e uma tarefa muito grande e concreta de pertença. São Francisco tem muita consciência que escolheu, mas depois de ter escolhido, tem atitude de quem recebeu. Isso é muito importante para entendermos a nossa caminhada religiosa. Não caminhamos nela como quem está numa firma, onde quem entrou, se não lhe agrada, pode cair fora. Pode-se proceder assim também na Ordem, como acontece muito hoje em dia. Mas se fizermos assim, não há mais entendimento profundo de nossa pertença à instituição religiosa. Igreja, Ordem são muito mais que uma firma, apesar de terem coisas parecidas externamente. Se instituição religiosa fosse como qualquer outra, boa, humanitária, buscando um humanismo mais profundo, você entra nela, luta, trabalha e quando vê que não é boa, sai. Na família não se pode fazer isso; há um laço maior, não criado por mim, mas imposto pela vida.

NINGUÉM ME MOSTROU.

19

Havia quem poderia ter indicado: os beneditinos ou outras pessoas que diziam: faça isso, faça aquilo. Mas mostrar não é indicar. Mostrar é ter uma intuição profunda do todo. Na vida há muita coisa que indica: pedagogia, psicologia...; mas não é uma ‘amostração’, um ‘ostendere’. *Ostendere*, ‘ostentar’ significa abrir para um sentido fundamental. Nós temos muitas orientações, informações, coisas que nos dão pistas, mas em tudo isso precisa ‘ostentação’, demonstração, revelação de Deus.

É para nos perguntar se nos preocupamos em afinar os ouvidos para a revelação de Deus em nossa vida ou se simplesmente estamos indo atrás de indicações que todos dão. Uma ideologia indica, mestre de noviços indica...; no entanto nisso tudo, o que é revelado? Não será que devemos entrar numa indagação? “Ninguém me mostrou, só indicaram; pois então, o Senhor mesmo veio me revelar”.

O QUE EU DEVIA FAZER.

Não saber o que fazer não é negativo; no fundo, é sinal de que realmente está começando o confronto com a identidade. Em geral, nós tentamos saber como fazer o mais rápido possível, para não ter mais problemas e ir para frente. Com isso, porém, não somos limados. Talvez espiritualidade, espírito, espiritual, não seja coisa grã-fina, e sim essa maneira inteiramente real de viver a vida humana. Se vivermos assim, o Senhor nos revela; e não de modo vago, mas claro.



MAS O SENHOR MESMO ME MOSTROU.

Em geral, ao lermos isso de um santo, fugimos do desafio, pensando: “Ele é santo, o Senhor lhe fez uma revelação; para nós, pés-rapados, se não formos santos, Ele nunca aparecerá”. Mas, na dimensão religiosa, faça o que fizer, se há procura mesmo, sempre se descobre que é o Senhor quem dá as evidências. O que chamamos de Vida Evangélica, seguimento de Jesus Cristo, é um receber a dinâmica de Deus: todo serviço, todo esforço, todo estudo, no fundo, não tem a estrutura de ‘eu faço’, mas sempre de ‘o Senhor me deu’.

São Francisco tem sempre uma grande certeza: “Deus me conduziu, me pegou pela mão”. Isso não é força de expressão, não é modo de dizer; é uma experiência nítida; e não porque foi santo e nós não. Nós não somos conduzidos pela mão de Deus porque vivemos de jeito diferente dele. São Francisco vivia enfrentando realisticamente, como alguém que não tinha outra possibilidade. A maioria das vezes não sabia como fazer; mas, vivendo na necessidade e não sabendo o que fazer, buscava de todo o coração, rezava, lutava, experimentava; limado pela realidade não fazia mais a sua própria vontade; por não ter outra possibilidade, tinha que ir em frente, se confrontar, e no confronto começou tirar toda a ferrugem da vida e a animar a si mesmo. Entendeu que Deus sempre orienta, mas a poluição do nosso eu impede de crescer sem o confronto com a realidade. Sua inteligência era mais que uma inteligência que conhecia a si mesma e seus defeitos; podia ser vaidoso, avoado, mas de repente o seu ‘natural’ começou a fluir, disposto para ser conduzido. Nós precisamos ter muito boa vontade, mas antes há Deus, há a sua manifestação, maior do que nós, maior do que a nossa compreensão.

Por exemplo: às vezes se fica chateado porque os pais dizem: “Que bom que Deus tenha mandado a chuva; já estava necessitando!”. Você responde: “Papai, tudo bem, mas não foi Deus quem mandou; foi a frente fria que a trouxe!”. E o pai talvez responda: “Pode ser que você conheça a meteorologia, mas para mim é Deus quem a mandou”. Que experiência é essa? Não será que é a decisão de colocar-se na vida como quem, aconteça o que acontecer, faça o que fizer, em tudo tem a atitude de recebimento? Os pais sabem muito bem que a chuva vem de fenômenos meteorológicos, mas eles percebem que atrás dos fenômenos meteorológicos há uma doação de Deus. Um outro exemplo: digamos que fiquei sabendo que meus pais não me queriam, tentaram fazer o aborto, mas por acaso nasci; magoado digo: “Não vou mais ter gratidão para com os meus pais, porque eles não me queriam”. Que tal se um grupo humano pensasse: “Se nasci, mesmo que meus pais não me quisessem, eu agradeço porque foi um dom”. É uma atitude diante da vida; o seguimento de Jesus Cristo, a Vida Evangélica consiste nessa atitude!

Uma pessoa assim, à medida que acolhe, começa a escutar a voz de Deus; começa a distinguir o que é sua própria vontade, e o que é revelação de Deus. Por isso São Francisco pode dizer: “Ninguém me mostrou, nem eu mostrei a mim mesmo; foi o Senhor que me mostrou”. De fato essa colocação na vida, com o tempo, cria uma sensibilidade tamanha que realmente escuta o que outro não escuta. Alguém poderia perguntar como distinguir isso que São Francisco diz, daquilo que o crente diz: “Deus quis, o Espírito Santo revelou”; no momento que eu tomar essa atitude de recepção, considerar tudo como doação, como graça de Deus, seja as coisas positivas seja as negativas, aquilo que me machuca ou não me machuca, vai surgir um sensorial afinado, para realmente distinguir o que se imagina daquilo que vem de outro horizonte. Isso não é milagre; é a última consequência da atitude chamada seguimento religioso. Por isso qualquer religioso, com o tempo, pode criar essa sensibilidade.



QUE DEVIA VIVER.

Se trata de algo que não depende de mim; é um dever, uma incumbência. Hoje, quase esquecemos a palavra ‘dever’; ela nos traumatiza, porque parece ir contra a nossa liberdade. Ao passo que a vida humana profundamente livre, só começa a ser livre quando se tem consciência de que nela há um dever. A liberdade começa realmente a crescer, quando se começa a entender, profunda, cordial e positivamente, que ser livre é estar aberto para um dever.

Dever significa uma orientação, uma direção, viver segundo, conforme orientação e direção que não vem de nós, mas de algo anterior e muito maior. Ao entender isso, ao descobrir que nisto consiste a nossa grandeza, começamos a ficar adultos e livres. A nossa concepção de livre, não é de liberdade adulta e isto está criando certa problemática na Vida Religiosa; talvez nós estejamos começando a sair de certa compreensão ‘adolescente’ para a compreensão adulta.

SEGUNDO A FORMA DO SANTO EVANGELHO.

Esta medida de viver é formidável! Aqui, forma significa ‘essência’. Nós usamos outra palavra: substância. Forma, portanto, não é ‘fôrma’, não é ‘encaixe’ do Evangelho. Usar o Evangelho como fôrma, é usá-lo a próprio favor e transformá-lo num manual ideológico para defender sua própria posição.

‘Forma do Evangelho’ é a essência, o vigor do Evangelho; o Evangelho é a provocação para se dispor a escutar a dinâmica provocadora e crítica que ele tem. Esta provocação nunca é captada com a inteligência ou com o sentimento, pois Deus é sempre maior do que nós. Por isso o religioso se coloca na atitude discipular. ‘Forma do Evangelho’ é a palavra-chave que indica o modo de ser que deveríamos pesquisar como religiosos. É aquela disposição que se resume na disposição da Eucaristia; disposição é dizer: ‘Aqui estou!’. Isso é que São Francisco chamou de Senhora Pobreza, nossa herança, a nossa riqueza, não tendo debaixo do céu outra coisa senão ela. E por isso vendiam tudo; como dizer: “Nós nos lançamos na busca desse tesouro, e, uma vez que isso era a nossa missão, tínhamos tudo; éramos felizes com uma túnica, remendada por dentro e por fora, e não queríamos ter mais que isso”.

Dá para entender que realização era essa? Por que tanta preocupação de ter isso, ter aquilo, de adquirir, de se agarrar a isso ou aquilo? É porque no fundo não temos ainda o tesouro absoluto! Uma pessoa que chegou a um tesouro absoluto, diz: “Isso me basta; não preciso de mais nada, porque já tenho tudo”. Na vida espiritual, o seguimento de Jesus Cristo tem que ser o nosso tesouro. Não é pelo fato de deixar tudo, de ‘jejuar’ que se chega a essa essência do Evangelho, mas pelo fato de ter encontrado a forma evangélica é que se deixa tudo ou, mesmo não tendo, não se apega a nada.

E EU FIZ ESCREVER COM POUCAS PALAVRAS E SIMPLEMENTE.

Quando falamos de São Francisco, nossa tendência é dizer que era um homem simples e ignorante e que por isso não usava palavras rebuscadas. No entanto lendo seus textos se vê uma precisão impressionante. É necessário entender o ‘simples’ e ‘poucas palavras’ não no sentido ‘do jeito que deu’, mas no sentido de certo, preciso, acertando a essência, sem enrolar as coisas. Todas as coisas essenciais são uma palavra. Quem é simples não é ignorante, que facilita a vida; é antes pessoa que de tanto sofrer, tudo o que diz é ‘poucas palavras’: sim, sim; não, não. Devemos tirar essa ideia que a sociedade de consumo tem de São Francisco, como se ele fosse uma pessoa espontânea, que gostava de facilidades, que não queria palavras complicadas porque eram difíceis. Ler assim São Francisco não serve, pois ele é muito difícil de entender, não porque seja complicado, mas porque ele é essencial.



E O SENHOR PAPA MA CONFIRMOU.

Por que São Francisco foi pedir confirmação ao Papa? Se poderia responder: “Porque era católico”. Mas muitos não pediam! São Francisco tinha consciência nítida que fora o Senhor a lhe mostrar o caminho; a conclusão poderia ser: “Se o Senhor mesmo me mostrou, então não preciso pedir ao Papa, porque ele é capaz de dizer não”, pois havia cada papa e cada bispo... São Francisco era tudo, menos ingênuo, mas tinha muita resistência, não era frágil aos escândalos. Ele leva a regra para uma pessoa humana, mesmo sabendo que às vezes não vale nada. O papa do tempo de Francisco era bom, mas mesmo que fosse ruim, ele levaria e pediria: “Por favor, me confirme”. Com isso São Francisco arriscou a si e a Deus e entregou a Regra ao papa como um cavaleiro que luta sem armadura nenhuma, simplesmente. Francisco pensa: “Eu pertenço ao povo de Deus, sigo Jesus Cristo, por isso estou aqui. Neste seguimento Ele vem me revelando uma porção de coisas. A Igreja em que estou é uma grande corrente que vem de Jesus Cristo; é seu Corpo. Não me interessa se quem está nela presta ou não presta. O que me interessa é que é o Povo de Deus reunido por Jesus Cristo, e eu tomo a sério Jesus Cristo”.

São Francisco no seu engajamento é tão real, imediato e profundo, que certas distinções não lhe interessam; toma a sério o Povo de Deus, toma a sério a Igreja que é nossa pertença a Jesus Cristo. Ele é como ovelha mansa, mas que quando briga, vai em cima, pode até se machucar, mas não importa! Jesus Cristo fez o mesmo, entregando a sorte de sua Igreja à humanidade; entregou na mão de Pedro, que o renegou. São Francisco entendeu que o cristianismo é uma mensagem de encarnação. Encarnação é essa inserção de Deus na humanidade. Jesus Cristo entregou-se a nós, assumiu toda a nossa miséria e daí fez surgir uma força salvadora.

Hoje, usualmente, entendemos espírito, espiritual, como livre, bonito, descompromissado do fator jurídico, do dever. Existe isso em outras religiões, mas não é o estilo do cristianismo. Ser espiritual sem instituição seria muito mais fácil. Há religiões, filosofias, seitas, que não têm estrutura institucional; certos grupos budistas, por exemplo, não têm esse tipo de instituição que nós católicos temos, com essa luta e mixórdia toda; eles só têm organização de meditação. Se perguntarmos a São Francisco por que se dispôs assim diante da instituição, responderia: “Porque Jesus Cristo se dispôs!”. “E por que Jesus Cristo se dispôs?”; ele diria: “Vem cá, meu filho; leia o que diz São Paulo, a respeito da Cruz: ‘ninguém se glorie daquilo que não é seu, mas que Deus seja glorificado nele’: tudo que há de bom, temos obrigação de buscá-lo e cultivá-lo. Esse é o ponto nevrálgico que quase não é conscientizado e que, hoje, na Vida Religiosa, está tirando a força de todos.

E OS QUE VINHAM PARA RECEBER ESTA VIDA DISTRIBUÍAM AOS POBRES TUDO QUE PODIAM POSSUIR.

A tradução diz ‘abraçar’; mas abraçar é ação minha. O texto diz ‘receber’; receber é anterior à minha iniciativa e convoca-provoca toda a generosidade da minha iniciativa. É dar um salto. Largavam tudo, distribuía, ficavam inteiramente vazios, mas estavam contentes; usavam roupas, iam para as igrejas, tinham ‘lugares’, mas estavam contentes com o mínimo. Para receber esta vida tem que ir a ela vazio, não só externamente. Vazio é não ter um pé atrás. Na busca religiosa ter um pé atrás atrapalha demais, porque no fundo, não é entrar nela.

Vender tudo, pular dentro, tem a vantagem de ter que dar certo, senão se está perdido. Não se faz isso levemente, porque é arriscado, mas todas as pessoas que de alguma maneira se realizaram, o fizeram. É da estrutura humana. A maioria das coisas, nós as fazemos com um ‘pé pra trás’ para ter segurança. Mas há coisas fundamentais na vida que, se fizermos assim, não dão certo.



Em geral, entendemos ‘dar aos pobres’ de modo muito sublime. Se fosse um ideal tão bonito assim, seria enfrentado, mesmo com todas as exigências. O problema é que nessa busca não se encontra muita sublimidade! Uma vez entrado na Vida Religiosa, tem que se trabalhar nela para que solte seu suco e isso é difícil. Para isso é preciso ter a atitude de receber, tendo nítida convicção de que, dentro dessa mixórdia toda que aparece na Vida Religiosa, há ouro; e entender que para conseguir enxergar este ouro é preciso uma longa busca. Deve haver uma decisão de caminhada, na qual digo: não tenho outra possibilidade, senão descobrir este ouro aqui dentro, porque já vendi tudo e não posso mais voltar.

A Senhora Pobreza começa por aí.

ELES ESTAVAM CONTENTES COM UMA SÓ TÚNICA REMENDADA POR DENTRO E POR FORA, COM UM CÍNGULO E AS CALÇAS. E MAIS NÃO QUERÍAMOS TER.

A tradução diz ‘contentar-se’ que significa não querer ter mais. Mas o texto diz ‘estar contente’ que significa: estar cheio, estar pleno, satisfeito com uma só túnica, remendada por dentro e por fora, com um cingulo e calças; mais que isso eles não queriam ter. Estar satisfeito, alegre com pouco significa dirigir a energia toda para a busca.

Digamos que você esteja carregando uma mala cheia de bugigangas que para você são importantes; para encurtar o caminho pega um atalho na mata; de repente, dá uma escorregada e cai num barranco, rolando ladeira abaixo com mala e tudo, e desmaia; ao acordar, repara numa gruta cheia de ouro e diamantes; fica doido, pois nunca tinha visto coisa igual. O que fazer? Joga fora as bugigangas para enchê-las daquilo; nisso aparece um companheiro que lhe diz: “Puxa, você está contente de ter jogado fora tudo!”; “Sim, estou, porque vou enchê-las de ouro e diamantes”. Esta é a pobreza de São Francisco.

Isso é bem diferente de dizer: “Eu quero estar contente com pouco”; e se refugia num cantinho da casa, vive pobre, ficando lá o dia inteiro, tiritando de frio; e o dia que alguém lhe perguntar: “Você está contente?”, responde: “Sim, estou, porque sou pobre”; “Mas vejo você magro, anêmico, com frio. E a sua energia, usa para quê?”; “Para a pobreza, ora!”. Esta não é pobreza de São Francisco.

Pobreza franciscana é quando você coloca toda a sua energia na busca de uma coisa maior, com disponibilidade total para a busca, de jeito que não há mais outro valor; do mais, retém o mínimo possível. São Francisco não está fazendo sacrifício, mas está concentrado no tesouro descoberto, sem sentir-se na privação. É como alguém que vive num lugar onde o ar é tão bom, tão vitalizador que, se abrir todos os poros do corpo, nem precisa comer; então não come, apenas respira; e se alguém o chamar de coitadinho por estar jejuando, ele responderia: “Estou me alimentando melhor que qualquer outro e por isso me contento com um pouco de arroz e mais não quero ter”. Quem quiser se ‘inserir’ no social tem que ter uma atitude assim, senão a inserção deixa anêmico. Às vezes pensamos que renunciar, ser carente, se privar, dá energia; é bem o contrário do que São Francisco entendia.

NÓS CLÉRIGOS REZÁVAMOS O OFÍCIO DIVINO COMO OS DEMAIS CLÉRIGOS.

A atitude falada acima valia também para a oração; se perguntassem: “Francisco, o que você come na mesa da oração?”, ele responderia: “Arroz e feijão”, isto é, nada de especial. O que significa essa sobriedade? Que dinâmica positiva esconde? O que faz com que fiquem contentes, de tal maneira de não precisar de outra coisa, mesmo na oração? A oração é importante para essa caminhada; interessante é que São Francisco na oração é de uma simplicidade prática incrível; reza o ofício divino, faz o que todo mundo fazia.



OS LEIGOS DIZIAM OS PAI-NOSSOS.

Os que não sabiam ler rezavam o Pai Nosso. Pai Nosso é a oração de todos, a melhor oração, porque foi Jesus mesmo quem ensinou. Então, se foi ele quem ensinou, nessas poucas palavras simples, imediatas e límpidas, deve haver um segredo. Se alguém escolhe o Pai Nosso como oração fundamental e tendo a diligência de, sempre de novo, todo o dia, a vida inteira, meditá-lo, pensá-lo, rezá-lo vai ter iluminação. Esse é o melhor método de alcançar a iluminação.

Na experiência de oração de outras religiões, há palavras repetitivas, chamadas ‘mantra’ pelos budistas, palavras que transmitem energia, e à medida que são pronunciadas, todo o organismo começa a se energizar. Existem mantras de palavras e mantras de imagens. O Pai Nosso, para nós, é uma espécie de mantra. Em São Francisco esse mantra tornou-se a pulsação de seu coração, e quando penetrou em todos os seus poros, ficou iluminado.

Então São Francisco diz: “Olha, descobrimos o tesouro, descobrimos o sentido de nossa vida. O Pai Nosso é prático, porque você pode estar em qualquer lugar, e em vez de sacar o ‘tijolão’ da Liturgia das Horas, pode rezar o Pai Nosso”. Os franciscanos deveriam conservar esse costume. Quem caçoa é porque não sabe que esse é um dos métodos mais profundos, simples e inteligentes que tanto os ocidentais como os orientais sempre usaram.

GOSTÁVAMOS DE PERMANECER NAS IGREJAS.

São Francisco via uma igreja e entrava. Há lugares onde se gosta de estar. As crianças, de vez em quando, se escondem em algum lugar onde se sentem em casa. Até os bichos têm o seu lugar de onde não saem. Para a turma de São Francisco, a igreja era o lugar onde eles gostavam de ficar e de lá tiravam força para viver. A igreja é morada do Senhor, a ela está ligada a Eucaristia.

Mas não é assim que também debaixo de uma árvore é morada do Senhor? Sim, todo lugar é, mas lá é mais ainda. Esse hábito dos primeiros franciscanos é interessante; deveríamos nós também ter coisas assim. Mesmo os primitivos franciscanos, apesar de paupérrimos, tinham quarto, um cantinho, e não viviam escancarados. No início não possuíam capelas, mas gostavam de ficar perto de uma igreja e permanecer nela. Não diziam: vamos rezar aqui, debaixo desta árvore, porque tanto faz aqui como lá. No método do ‘tanto faz’, num mês já se fica enjoado. Fazer breves ‘visitas’ à igreja, ao irem ou voltarem da escola ou do trabalho, é muito comum entre os cristãos, e no momento em que entram e se concentram, dá o estalo.

ÉRAMOS IDIOTAS.

A tradução evita a palavra ‘idiota’ porque para nós tem sentido pejorativo. A palavra idiota originariamente significa marginalizado, particular. Os gregos que formavam a comunidade livre se chamavam de cidadãos e moravam na polis. Os ‘idiotas’ eram povo conquistado e submetido que por isso não pertenciam à comunidade; eles moravam fora da cidade. Disso surge o sentido idiota como iletrado, pois quem é letrado pertence à civilização. Então idiota significa aquele que não é comunitário dentro daquele estado; é o estranho. São Francisco se diz idiota no sentido negativo mesmo, pois não atua conforme a opinião da sociedade dominante; e é bem por isso que eram desprezados. Mas não tinham complexo; quem fica complexado é porque está no padrão dos outros. Se você vai para uma reunião e é taxado de bitolado porque reza os pais-nossos em vez de rezar o Ofício e se ouvindo isso não se importa e continua rezá-los, então você é idiota, marginalizado, não está no padrão dos demais. Idiota é aquela coisa grande, boa, mas não pública, não reconhecida pelo padrão.



E SÚDITOS A TUDO.

Súdito: jogado em baixo de tudo. Já viu um grupo forte assim, que não tem mais nada a perder, que está inteiramente realizado e dinâmico porque é súdito de todos. É a atitude que aparece na Eucaristia! A Eucaristia diz: “Não sou muita coisa, mas aqui estou; se servir, aqui estou!”. Não é essa a atitude de Jesus Cristo? São Francisco diz: “Nós éramos um grupo humano que não aparecia como a publicidade quer; a partir da publicidade éramos tidos como particulares, isto é, não pertencendo à comunidade pública. No entanto, nós estávamos como que debaixo de todo mundo, tentando servir a todos”. Assim idiotas e súditos não é um estado de carência, mas um ideal de positividade.

O medieval pensava que as coisas mais fortes estão embaixo, são fundamentais, reais mesmo, e as chamavam de substância; quando não era real, chamavam-nas de acidente. Diante de um rádio que funcionava bem, o medieval diria: “Isso é uma substância”; mas diante de um rádio de brinquedo, bonito por fora, mas mudo, diria: “Isto não é substância”. São Francisco pensa: “Deus é a força maior, é substância por excelência; é como chão; Ele está debaixo de todas as coisas; se alguém faz o bem, atrás está Deus; se nasce o sol, atrás está Deus; mas ele não aparece porque é súdito, é servo”. Estar sujeito a tudo é o estilo do trabalho destes frades; o frade faz para os outros e ele nunca aparece, quem leva fama são os outros. Como diz o povo: papagaio come milho e o periquito leva fama.



5. E EU TRABALHAVA COM MINHAS MÃOS E QUERO TRABALHAR.

São Francisco não diz: “Eu trabalhava porque não havia outro jeito”, mas diz: “Eu quero”; quero significa eu me realizo. O que significa trabalhar “com as próprias mãos”? É possível uma pessoa trabalhar na contabilidade “com as próprias mãos” no sentido de São Francisco? E se é possível, como o é? São Francisco nunca encara a realidade como se fosse coisa diferente dele. O humano tem corpo, e este só consegue atuar no finito onde está; então, ao fazer um plano, a primeira coisa que leva em conta é que cada um tem corpo. Se alguém dissesse: “Queremos converter São Paulo; estamos em dez pessoas; mas dessas dez, algumas estão doentes, outras...”. Se no fim sobrar uma só, ele não diria: “Ah! devia ser mais”, mas: “O que de bom podemos fazer com uma pessoa?”; “Mas não é muito pouco?”; “Escuta, diria São Francisco, não usamos o corpo? O que quer dizer, muito pouco? Não seja tão grã-fino, tão avoado. Seja mais corpo-a-corpo, mais pobre. Agarre a realidade, trabalhe com as mãos, não com a cabeça”.

Geralmente as pessoas não usam o que têm. Vão ficando fracas, porque em vez de usarem a corporeidade, substituem esse trabalho por coisa mais fácil; passados, dez ou vinte anos, são grã-finas e não sabem se arranjar quando não têm aquele aparato todo. Nós estamos ficando assim na vida Religiosa. Uma comunidade de dez pessoas planeja fazer reunião uma vez por semana; por causa das diferentes situações, uma pode participar, outra não; assim, só dá para reunir cinco das dez. Trabalhar com as próprias mãos significa reunir essas cinco de todo o coração e trabalhar de tal modo que seja útil para a comunidade, sem ficar preocupados com quem não pôde vir. Este uso de si, no sentido de São Francisco, tem que ser treinado especialmente. Pode estar na situação que estiver, se uma pessoa não engata nessa dinâmica de, com o pouco fazer muito e achar isso um grande ganho para si, não cresce.

É importante cultivar todo esse jeito não porque não há outro, mas como uma civilização própria, como uma possibilidade humana positiva e boa. Uma Congregação, quando começa a ter muita comodidade e entrega o trabalho, que devia ser feito com as mãos, à máquina ou a empregados, vai ficando fraca e decai. Quando uma obra é muito grande, precisa usar esses recursos; mas não se deve facilitar, porque quando não tiver máquina ou empregados, não sabe mais se virar. Quando uma pessoa está continuamente na necessidade de lutar, em vez de máquina, tem que usar a si mesma; sofre com isso, mas se o fizer conscientemente, como estilo, o resultado será bem bom: dá um tipo humano que não perde a cabeça com coisas que não pode determinar de antemão, e ao mesmo tempo adquire uma inteligência que não chuta de qualquer jeito e em qualquer circunstância.

EU QUERO FIRMEMENTE QUE TODOS OS OUTROS IRMÃOS TRABALHEM.

O texto latim diz: *‘quod laborent de laboritio’*, que trabalhem da laboração, da labuta. Labor é mais que trabalho; é trabalho suado, trabalho artesanal. Laboração é pegar na mão, experimentar, elaborar, labutar. Se por exemplo, tiver dificuldade de compreender uma coisa, tem que trabalhar diretamente aquela dificuldade. Em geral se pensa: “Se eu fosse mais inteligente, não precisaria enfrentar esta dificuldade”. Se pedir a Deus uma inteligência melhor para não precisar fazer o trabalho de labuta, São Francisco diria: “Trabalhe e dê graças a Deus de ter dificuldade e ter que trabalhar... Isso pertence à grandeza humana”.

Hoje em referência ao trabalho espiritual, não somos suficientemente toscos, comuns; sobre as dificuldades, que no fundo são labuta, temos uma ideia muito grã-fina; se pudéssemos evitá-las, as evitaríamos; mas o trabalho, a dificuldade do trabalho nos torna cada vez mais semelhantes a Deus. Deus trabalha com suas próprias mãos; Ele não



deixa o trabalho para os outros. Como Criador, Ele não é Senhor, mas Servo. O cuidado das coisas, o trabalho da labuta pertence à grandeza do Pai.

O QUE PERTENCE A HONESTIDADE.

O latim diz: “*quod pertinet ad honestitatem*”, que trabalhem da labuta, fato este que pertence à honestidade; o fato de trabalhar e suar pertence positivamente à honestidade humana. Não se trata, portanto, de um trabalho que não seja pecaminoso, de trabalho como castigo imposto por Deus a Adão no paraíso, mas de trabalho suado como honra pertencente à dignidade humana. Por isso São Francisco na Regra fala de não aceitar trabalho onde o “trabalhar com suas próprias mãos” não acontece.

Trabalhar com nossas próprias mãos e fazer uma labuta física mesmo; isso pertence à nossa honestidade, pertence à nossa grandeza. Honestidade, honesto significa ter honra, ter ornato, ter grandeza humana; ter aquilo que é o próprio do humano, o que pertence à beleza humana. Assim na espiritualidade franciscana todo trabalho onde tem que suar, todo trabalho sujo, pertence à honestidade, à dignidade humana. A um diretor de colégio que sofre a ‘fadiga’ da direção até durante as férias, São Francisco diria: “Estás trabalhando com as mãos, estás suando laboração; ao invés de ficar desanimado, levante a cabeça, pois isso pertence à dignidade humana”. Aí como ficam nossas classificações do trabalho, quando dizemos que um trabalho é burguês e outro não? Qual o critério para essas afirmações?

Tudo isso dá uma concepção de trabalho bastante diferente do usual. Assim o franciscano, mesmo não precisando, mesmo tendo máquinas, trabalha com as suas próprias mãos, porque a labuta pertence ao ornato humano. Ele faz questão de trabalhar com as suas próprias mãos.

E OS QUE NÃO SOUBEREM TRABALHAR O APRENDAM.

27

Dá a impressão que São Francisco convida a fazer alguma coisa para os outros não acharem que você é preguiçoso e também para não dar chance ao diabo. Mas o texto é um convite, melhor uma ordem: todo o frade menor deve ser especialista, profissional do trabalho de laboração e o considere como uma positividade, uma dignidade, uma escolha por ser seguidor de Jesus Cristo. Por isso o frade não trabalha para receber recompensa, pois o próprio trabalho é o privilégio, a honra, o ideal; ele próprio já é recompensa.

Trabalhar bem pertence ao estilo franciscano. Trabalhar é, no fundo, manifestação de cultivo de si próprio, do espírito. É uma maneira de ver o trabalho semelhante à maneira da antiga Ásia, onde se dizia: Se você varre o corredor todo o dia, usa a vassoura para trabalhar a si mesmo. Aparentemente você está varrendo o corredor, mas no fundo está varrendo a si mesmo, sua raiva, sua impaciência.

No Japão, conta-se a história de um general, grande guerreiro, que certo dia, secretamente, foi visitar um mosteiro. Lá chegando, viu vários monges varrendo o pátio. Mais adiante, havia um espaço completamente vazio e, num canto, um monge com os olhos baixos, também varrendo. Ele ficou observando, em silêncio, sem que ninguém o percebesse. De repente, levou um susto; ouviu um grito estridente que, embora fosse um guerreiro valente, lhe provocou um calafrio; olhou em volta e não viu nada, a não ser aquele monge que, tranquilo, continuava varrendo; passando perto dele, olhou e se inclinou humildemente. Foi então falar com o ‘abade’, seu amigo e antigo colega de guerra. Perguntou: “Esses monges que estão trabalhando, quem são?”. “São noviços”, respondeu o abade. “E aquele que lá está quem é? Não sei se sonhei, mas se não me engano, quando passei por perto, ele deu um grito que quase me derrubou”. O abade sorriu e disse: “Ele não costuma fazer isso; é muito manso, é a pessoa mais humilde que temos no noviciado”. “Você está me escondendo alguma coisa. Quem é ele?”. “Era um grande guerreiro. Enquanto varria, estava fazendo exercício de vencer-se a si mesmo. Provavelmente teve



um momento de nervosismo e deve ter dado uma bronca a si próprio. Ele não gritou; você porém, sentiu”. São Francisco com sua turma fazia o mesmo lavando a ferida dos leprosos, cozinhando ou em qualquer outro serviço. Já imaginou um grupo de religiosos que aprendem a trabalhar assim? Uns vão para a Universidade, outros para a cozinha; os trabalhos são diversos, mas todos trabalhando com as próprias mãos, fazendo labuta, fazendo laboração.

NÃO POR INTERESSE DE RECEBER SALÁRIO, MAS POR CAUSA DO EXEMPLO.

Hoje entendemos exemplo como dar testemunho, mas Francisco entende estar fazendo um trabalho bem feito, e todo trabalho bem feito serve de modelo. Um artista não trabalha para dar bom exemplo, no sentido de dar testemunho; ele faz uma ‘laboração’ e quando desta sai o fruto de um bom trabalho, aquele fruto tem força em si e serve de modelo. Quando o camponês cultiva laranja-ponkan, trabalha para produzir uma fruta gostosa e boa; não pensa em dar testemunho de bom trabalhador; ele labuta para produzir uma fruta gostosa. Ele faz laboração, faz experiências, e um dia sai aquela ponkan, que só de olhar dá vontade de comer. A fruta saiu tão boa que é levada para a exposição e colocada como exemplo; mas com isso não se está mostrando que o camponês é bom e sim a ponkan. A pessoa que trabalha para mostrar, que quer dar testemunho, se preocupa com quem está olhando; não está trabalhando, está fazendo outra coisa, e não consegue trabalhar bem. Todo o empenho deve ser para fazer um trabalho bem feito. Falar muito em testemunho, se não tomar cuidado, em vez de fazer a pessoa crescer, a faz amante da vaidade e, no fundo, não está dando testemunho no sentido cristão.

Nós temos o exemplo do Pai de Jesus Cristo. Ele é servo de toda criatura; Ele é o bom trabalhador no trabalho tosco e humilde, como dizendo: “Aqui estou! estou a seu serviço; por favor, aceite-o”. A vida acontecendo, toda renovação da terra, a chuva, a vitalidade da natureza, tudo que vive atrás tem essa mão, mão de alguém trabalhando com as próprias mãos: Deus. Para São Francisco é esse o exemplo que temos que tomar, e à medida que participamos nesse modo de trabalhar, a humanidade fica iluminada. Assim o próprio trabalho já tem seu sentido; o próprio trabalho já é um exercício de imitação do Deus de Jesus Cristo. Por isso, nenhum trabalho é superior ou inferior.

Se trabalhando assim não conseguirmos o necessário para viver, não porque o nosso trabalho não presta, mas porque não buscamos lucro ou porque há gente gananciosa que não paga, então recorramos à esmola, diz São Francisco na Regra Não Bulada (RnB), pois este é um direito que Jesus nos conquistou. É fantástico; nós não temos nada, não porque somos miseráveis, mas porque temos tudo. Somos imitadores do Pai; somos filhos dele, e nossa única herança é ser como Ele é, trabalhador humilde, servindo a toda a humanidade: isto é, a nossa riqueza.

Isso poderia significar fazer o jogo dos opressores. Não é que não se deva lutar, mas lutando deve haver essa atitude. Nosso povo faz um esforço enorme para ganhar o pão pelo trabalho. Digamos que não o receba o justo salário, que atitude tomar? Poderíamos responder: “Que tire o que é seu!”. Mas com isso haveria roubo, a repressão policial... O que fazer então para não ficar passivo? Trabalhe e lute, faça tudo o que puder, diria São Francisco, mas jamais tome a atitude de quem está oprimindo. O próprio povo ainda não ideologizado pensa assim. Há agentes de pastoral que não conseguem se manter nesta nobreza e passam para aquilo que não é cristão: vingança, ódio, competição, busca de poder, dominação. São Francisco é nítido! Trabalhe para se sustentar, se organize, lute, mas nunca perca a atitude de quem é grato por estar recebendo até a própria disposição de lutar. Não será que neste tempo em que vivemos tanta dominação, tanta injustiça, esta mensagem é uma das mais importantes que deveríamos dirigir àqueles que estão sendo injustiçados. Para tomar atitudes como estas, porém, precisa ter como única herança, única riqueza a grande realização que é a imitação do Pai de Jesus Cristo. É essa atitude que traz a paz ao universo. É isso que se chama Paz.



E PARA REPELIR A OCIOSIDADE.

Nosso Pai São Francisco tem grande medo da ociosidade. O que significa ociosidade para uma pessoa que vendeu tudo e se decidiu a dar um salto, de corpo e alma, para trabalhar o seguimento de Jesus Cristo? Para São Francisco todo e qualquer trabalho, por mais afoito que seja, que não busca que o seguimento de Jesus Cristo, é ociosidade. Ociosidade é tudo quanto distrai deste trabalho, pois este trabalho tem que ser levado à consumação. Então, ao trabalhar, tenha tal atitude que no próprio fazer aumente cada vez mais o seguimento de Jesus Cristo.

Vamos tentar apertar esta questão. Em geral se entende ociosidade como oposta ao trabalho. Ao dizer trabalho, concretamente se entende pastoral, estudo, profissões; *hobby* não pertence ao trabalho, Vida Religiosa também não. O oposto de trabalho é ócio: estar de férias é estar na ociosidade, ainda que não signifique ser preguiçoso, mas não é trabalho. Às vezes também na Vida Religiosa se pensa deste jeito; por exemplo, uma irmã no hospital tem um trabalho imenso; mas, se tocar para a oração, ela ir rezar não é trabalho! Reagimos pensando que também trabalho é oração, em oposição à oração privativa. Este esquema tem sua lógica: todo trabalho que não serve para a existência empírica é considerado ociosidade; o trabalho do artista neste sistema, por ser livre, não é considerado trabalho; muitas atividades culturais e espirituais, que não têm *status* de profissão, são consideradas '*hobby*', não trabalho.

Hoje vivemos no sistema do trabalho funcional, utilitarista e produtivo. A partir deste sistema, que concepção temos, que concepção meus colegas têm, que concepção há em geral, quando se fala de Vida Religiosa? A Vida Religiosa não é trabalho, é atividade privativa, intimista. Pensamos que São Francisco rezar na caverna, meditar, lutar, é muito bonito e importante para ele pessoalmente, mas socialmente não tem nenhuma repercussão; pelo contrário trabalhar numa profissão em que tem que marcar cartão, cria uma disciplina e uma responsabilidade social. Nós às vezes pensamos desse jeito. Há casas de formação em que estudo não é considerado trabalho; por isso, se depois de uma aula você está cansado e escuta música para descansar, é chamado de vagabundo; se um filósofo, um poeta sério e um religioso contemplativo se encontram e falam de espírito, da necessidade de interioridade..., são taxados de um bando de alienados que não sabe quanto custa um pão: não se percebe que há um trabalho duro com certos valores humanos de sobrevivência; mas este trabalho, a partir da compreensão dominante, tem um ar de luxo. Esses conflitos têm como origem a divisão entre trabalhos utilitaristas e trabalhos privativos.

Ócio, porém, não significou sempre preguiça. Antigamente a palavra '*otium*' significava o tipo de trabalho que não recebia remuneração: poetas, artistas, pensadores. No sentido originário, portanto, ociosidade se referia àqueles trabalhos que não tinham utilidade direta para o sistema público. Não eram remunerados porque o trabalho criativo tinha sentido em si mesmo.

Todo fenômeno humano pode e deve ser considerado trabalho: fazer poesia, esculpir, rezar, seguir Jesus Cristo, e também produzir um carro: este é o modo correto de compreender o trabalho. Alguns trabalhos são remunerados, outros não. Uma pessoa, faça o que fizer, pode ter atitude de trabalho ou de ociosidade. Encarando assim o trabalho, não há mais divisão entre trabalhos 'utilitaristas' e 'privativos'; não se trata mais de dizer que esse é trabalho e aquele não, mas que, seja qual for a ação que se faz, há a possibilidade de encarar a vida conforme o princípio do prazer ou conforme o princípio do trabalho. Quem está no princípio do prazer encara a oração como um lazer, um gozo, buscando nela consolo, satisfação; uma pessoa assim tem muita dificuldade de entender tudo aquilo em que não há o prazer. Quem está no princípio do trabalho encara de antemão tudo como necessidade de trabalhar; há artistas que consideram a arte não como gozo, mas como um trabalho do qual, depois de muito esforço, sai uma obra de arte; sua atitude diante da vida, o princípio, a postura básica, é de considerar a vida como um trabalho de conquista,



do qual surgem frutos de que se usufrui; mas usufruir não é a finalidade última do seu fazer. Tanto quem é movido pelo prazer, quanto quem é movido pelo ‘trabalho’ experimenta prazer, mas um prazer inteiramente diferente. Quem não passa do princípio do prazer ao princípio do trabalho nunca vai amadurecer.

Quem faz um trabalho, consciente de que está bem feito, sente prazer, mas este prazer não é o princípio do prazer. Se, por exemplo, tiver que estudar quinhentas páginas para o exame e inventar o truque de, a cada cem páginas, colocar uma fita com amarrado na ponta chocolate, pizza, coca, isto é, se para estudar precisar de um engodo, de uma motivação que não vem do próprio trabalho, este é o princípio do prazer. Mas se um médico está pesquisando algo muito importante e para alcançar êxito estuda muito, sente desprazer muito grande se não alcança resultado, mas se apesar disso continua na pesquisa, de repente ele começa a sentir prazer na pesquisa; esse tipo de prazer vem do princípio do trabalho. Portanto, não é que em nossa vida não se deva sentir prazer! São tipos de prazeres diferentes.

Como perceber se nós religiosos, hoje, nos norteamos pelo princípio do prazer ou pelo do trabalho? Em geral, com pouquíssimas exceções, nós religiosos nos trabalhos da Vida Religiosa somos norteados pelo princípio do prazer. Este princípio não existe em São Francisco: quanto mais assume o trabalho, mais seu trabalho aumenta e aumentam as dificuldades; sente o desafio do trabalho, mas sente também o gosto todo próprio do seguimento de Jesus Cristo. Isso significa que o princípio do trabalho é uma conquista. Esta conquista deve ser feita de forma adequada e clarividente, se não dá algo parecido com o empresário que foge com uma adolescente para reviver a juventude sacrificada ao dever! Os textos franciscanos se movem todos no princípio do trabalho, por isso parecem duros, difíceis, mas não o são; acontece que cultivamos muito o princípio do prazer e por isso tudo o que é trabalho nos parece duro; é só mudar de registro. Quando Francisco começou a crescer e ficar adulto na caminhada, quando começou a ter encontro com Jesus Cristo, entrou nesse princípio, e a procura da vaidade, da beleza, ficou para trás; antes, começou a achar tudo isso muito aborrecido. Aí o seguimento começou a ficar mais fácil, não era mais amargo.

Certo **ativismo** é norteador no princípio do prazer. Quem se dedica, de maneira até obsessiva, ao trabalho, se para ele tudo é trabalho e nem dá bola por exemplo, ao convívio, dá para desconfiar que no fundo esteja ainda no princípio do prazer, mas forçando a barra. O ativismo já foi problema para primitivos franciscanos, tanto que colocaram logo a questão da necessidade de ter unidade interior, faça o que fizer; mas para que isso ocorra, tem que se adquirir capacidade prática de pesquisar como fazer para ser religioso nas atividades. Se um religioso está o dia inteiro correndo atrás da pastoral e ao ir para a oração está tão cansado de dizer: “Graças a Deus, agora posso descansar!”, este religioso não está bem. Mas se, ao estar na meditação, a sonolência o pega, e quando faltam só cinco minutos percebe e diz: “Senhor, esses cinco minutos eu dou todos para você, com boa vontade, meditando”, este religioso está bem e descobriu um modo de ser em que, esteja fazendo o que fizer, se está sempre assentado na presença do Senhor. Esse trabalho é um dos mais importantes da vida espiritual.

A dificuldade de ter unidade interior no fundo é falta de pesquisa, de iniciativa para descobrir o jeito. E provavelmente descobrir isso não é muito difícil. É só experimentar e se descobre. Por exemplo, para meditar mesmo, tem que segurar a si mesmo. Se quiser ter volume de trabalho, a meditação deve durar pelo menos uma hora. Também qualquer exercício físico tem que ser treinado por uma hora; meia hora é pouco. E você perceberá que não é nada fácil. Mas fazendo assim, se começa a ter força real.

O **perfeccionismo** também é norteador pelo princípio do prazer. O princípio do trabalho não olha muito o estético, mas o bom funcionamento. Se alguém se engaja no seguimento de Jesus Cristo, mas é muito vaidoso e sempre novamente cai nesta imperfeição, facilmente desanima, porque isso dá uma sensação desagradável; quem é norteador pelo princípio do trabalho deixa de lado essa sensação e continua a trabalhar a



si mesmo. A pessoa esteta pensa que não adianta fazer uma coisa que vai sair mal-feita. O seguidor de Jesus Cristo, que trabalha muito artesanalmente, acha que vale a pena.

Na própria doação eu posso estar no princípio do prazer, pois toda a 'autenticidade' moderna tem muita inclinação com esse princípio. A doação deve ser gratuita e deve 'servir'. A palavra doação na espiritualidade franciscana significa 'ser útil'. Mas para entrar nessa atitude precisa muita abnegação.

E SE ACASO NÃO NOS PAGAREM PELO TRABALHO VAMOS RECORRER À MESA DO SENHOR E PEDIR ESMOLA DE PORTA EM PORTA.

A maneira de encarar as **dificuldades e negatividades** no trabalho caracteriza bem a espiritualidade franciscana. Quando se busca como se busca uma pérola, não há ressentimento; mas quando a busca não tem claro o porquê, entra o ressentimento; talvez este seja até um princípio terapêutico para nunca se ter uma estafa. O desafio de nossa espiritualidade é não ter um posicionamento já pronto de antemão, e mesmo quando parece haver, é necessário decisão. Ela tem compreensão nítida do que é existência humana: existência humana é determinação. São Francisco atua como um artista artesanal, para quem a inspiração jamais se opõe ao material usado. O medieval quando falava de espiritualidade tinha na mente a experiência artesanal de um artista plástico, para quem o material usado é importantíssimo para a inspiração; quanto maior a inspiração, maior a resistência do material; esta mentalidade quase não é mais entendida por nós. São Francisco diante da dificuldade (o material a ser trabalhado artesanalmente) se liga com a Encarnação; entende o Deus de Jesus Cristo como um artista artesanal que assume a materialidade e se deixa desafiar por ela, fazendo assim sua obra. É por isso que em São Francisco há as igrejas, os sacerdotes, a Eucaristia, os teólogos; ele não se põe acima, não pula a instituição, porque para ele é a materialidade de um vigor que veio à fala, que tomou corpo.

Este modo de pensar e atuar é um grande desafio para a mentalidade moderna, porque nossa compreensão de carisma, de inspiração é subjetivista, espiritualista; toda a nossa pedagogia fala do ambiente propício. Em São Francisco se dá uma conotação bem diferente; sua maneira de entender a vida dá um tipo humano de um lado muito idealista e de outro que assume mesmo a finitude; não tem medo das contrariedades, porque acredita que a vida humana não é orgânico-vegetativa, nem 'espontânea', nem 'natural', mas a transcendência da liberdade: a vida cresce realmente lá onde há dificuldades. Isso não significa que se deva procurar ou criar dificuldades. Esta maneira de lidar com a vida aparece bem nitidamente nos casais que levam vida dura: lutam e crescem; os filhos também vão crescendo e se tornam famílias sadias. Essa mesma estruturação aparece dentro da Vida Religiosa.

O religioso precisa ter consciência se seu trabalho é norteadado pelo prazer ou não. Um artesão, no começo, tem que trabalhar com muita atenção, cuidando dos detalhes, mas em seguida, se é norteadado pelo princípio do trabalho, tendo-se exercitado nele por longo tempo, não precisa mais prestar atenção 'consciente' a questão; seu trabalho se torna 'operativo'; isso não significa que é 'inconsciente'; significa ter uma percepção 'de corpo inteiro', pelo que não precisa ficar tenso na tematização desta questão. Isso pode ser chamado de plena consciência. Ter que prestar atenção a cada coisa, como o motorista que tirou a carteira ontem, ainda não é ser operativo. Isso não significa que não se possa 'oferecer' o trabalho para uma intenção, coisa comum entre os religiosos; mas não é necessário fazê-lo.

Como entender o trabalho como '**realização pessoal**', na Vida Religiosa? Se fizéssemos esta pergunta aos textos franciscanos, eles responderiam com uma contra pergunta: quando um religioso fala de realização pessoal, fala em sentido geral, como alguém que ainda não escolheu uma busca, ou como quem já escolheu? A psicologia fala da realização pessoal no trabalho a partir do 'comum' das pessoas. Mas a partir dos textos



franciscanos não dá mais para pensar em geral, pois estamos diante de um caso 'particular', isto é, de pessoas que estão na decisão de viver 'religiosamente'. O religioso também busca sua 'realização pessoal', mas como quem a busca na própria Vida Religiosa e não fora dela. Ao colocarmos esta questão na Vida Religiosa, não podemos fazê-lo como alguém que escolheu o matrimônio para se realizar e depois coloca a questão da realização pessoal, pois esta ou se dá no próprio matrimônio ou em nada mais! Na Vida Religiosa entramos em dificuldade quando falamos da realização humana porque nos baseamos no pressuposto que há uma realização 'humana' e a ela se acrescenta a realização religiosa, como se fossem duas realizações. Ao se buscar a realização, se procura um caminho que vá até o fim da vida. Estes textos então perguntam: "Depois de ter entrado na Vida Religiosa você pergunta pela realização humana, mas a opção que você fez largando tudo, bens, matrimônio, família, a fez por que?". Respondemos que o fizemos para nos realizarmos 'plenamente', em vez de 'humanamente'. É, portanto, necessário se perguntar o que entendemos por 'realização humana' na Vida Religiosa.

Na Vida Religiosa a primeira profissão é ser religioso. O exercício de uma profissão funcional está a serviço dela. Quem entrou na Vida Religiosa e ficou frustrado porque é talentoso na arte e a instituição não lhe deu chance de desenvolver o seu talento, está em conflito porque de um lado entende o ser artista como o que vale a pena ser vivido até o fim, sendo impedido por uma outra opção que no caso é a Vida Religiosa; esta pessoa um dia vai ter que se decidir; poderia também viver fazendo média; há porém, questões em que não dá para fazer média, pois seria servir a dois senhores. Para quem entrou na Vida Religiosa e recebeu da própria Vida Religiosa a incumbência de um trabalho funcional, esse trabalho pertence à realização religiosa. Há um frei que quando leigo era banqueiro; feita a profissão foi colocado como ecônomo a vida inteira e através deste trabalho, se realizou religiosamente. Mas se distinguisse entre realização 'humana' e realização 'religiosa' talvez não conseguiria.



6. COMO SAUDAÇÃO, REVELOU-ME O SENHOR QUE DISSÉSSEMOS: “O SENHOR TE DÊ A PAZ”.

7. EVITEM OS IRMÃOS ACEITAR, SOB QUALQUER PRETEXTO, IGREJAS, MODESTAS HABITAÇÕES E TUDO O QUE FOR CONSTRUÍDO PARA ELES SE NÃO ESTIVER CONFORME COM A SANTA POBREZA QUE PROMETEMOS PELA REGRA, DEMORANDO NELAS SEMPRE COMO FORASTEIROS E PEREGRINOS.

8. MANDO FIRMEMENTE SOB OBEDIÊNCIA A TODOS OS IRMÃOS, ONDE QUER QUE ESTEJAM.

Francisco não tem medo de dizer: severamente, em nome da obediência, mando fazer isso ou aquilo. É a consciência da opção coletiva; não tem medo de dizer isso para os outros porque confia, é convicto de que todos fizeram opção. Essa opção é um compromisso sério; ao dizer ‘por obediência’ ele está apelando para esta seriedade. No fundo não tem nada a ver com imposição. A consciência da opção coletiva está muito fraquinha entre nós porque confundimos a nitidez de opção com a imposição.

QUE NÃO SE ATREVAM A PEDIR À CÚRIA ROMANA ALGUM RESCRITO, NEM POR SI NEM POR PESSOA INTERMEDIÁRIA, EM FAVOR DUMA IGREJA OU DE OUTRO LUGAR QUALQUER, NEM SOB O PRETEXTO DE PREGAÇÃO, NEM POR CAUSA DE PERSEGUIÇÃO CORPORAL. AO CONTRÁRIO, SEMPRE QUE NÃO FOREM ACEITOS EM ALGUMA PARTE, FUJAM PARA OUTRA TERRA PARA ALI FAZER PENITÊNCIA COM A BÊNÇÃO DE DEUS.

Os números 7 e 8 são importantes para se pensar. Nós dizemos: se a coisa é boa, se serve para a pastoral, por necessidade, vamos pedir; e assim se colecionou muitos privilégios; houve privilégio para tudo; se fez o contrário do que São Francisco pediu. São Francisco é rigoroso; ele diz: “Não senhor! Em vez de recorrer, vá para outro lugar”.

Independentemente do fator jurídico e moral, o que São Francisco pretende com esta proibição? Qual ponto nevrálgico da caminhada franciscana quer defender? Privilégio pode ser coisa muito boa, mas que perigo, que tentação de corrupção há nesse ‘sob pretexto de coisa boa’? Que clarividência de mestre São Francisco tem para dizer: cuidado, isso é perigoso, no começo até que parece bom, mas no fim vai corromper tudo? É o perigo de afrouxar! Dá a impressão de que São Francisco desconfiaria do modo de pensar grande, eficientista, superdimensionado, que ‘facilita’ as coisas.



9. EU QUERO FIRMEMENTE.

Significa: eu livremente me decido, a tal ponto que não recuo para trás. São Francisco gosta da palavra firmemente. Corresponde àquela frase do Evangelho “Quem põe a mão no arado...”. É uma postura humana muito angustiante, pois no momento em que quero firmemente, tenho que querer todo o resto; é uma totalidade, em que se quer não só daquilo que é bom, que agrada, ajuda, mas tudo. Querer firmemente é querer não só o começo, mas é querer o meio e o fim. É como a estrutura da indissolubilidade do matrimônio: não tem ‘sim’, como meio sim; tem que ser todo. Essa formulação: ‘eu quero firmemente’, é a típica estrutura do salto.

OBEDECER AO MINISTRO-GERAL DESTA FRATERNIDADE E AO GUARDIÃO QUE LHE APROUVER DAR-ME.

Esse texto é muito forte, parece até um texto fundamentalista. Um ‘estranho’ poderia ter a impressão que São Francisco está amargurado, segurando algo que está para lhe escapar das mãos. Há historiadores que explicam dizendo que foi este o momento ‘trágico’ da vida de São Francisco: São Francisco, carismático, com toda aquela floração do carisma evangélico, aos poucos foi sendo encaixado no controle jurídico da Igreja; ele tentou se adaptar e adaptar a Ordem, mas o número de frades cada vez maior e o ingresso de pessoas que não tinham vocação provocaram baderna; havia os assim chamados vagantes que entendiam ser peregrinos como turistas; não havia mais controle nenhum. São Francisco então tentou segurar a barra. Além disso, ele estava muito doente e começou a ver a coisa de forma muito pessimista; neste clima teria escrito essa regra-testamento. Discute-se muito até que ponto essas conjecturas históricas possam ser provadas. No entanto vamos dar uma interpretação em que não se tenta facilitar a compreensão com estas explicações.

Antes de tudo temos que pensar bem a quem dentro da Ordem São Francisco está endereçando o Testamento. O Testamento é a última palavra do Pai. No contexto do discipulado é a fala do Pai e Mestre que caminhou longo tempo uma experiência e transmite para os seus o segredo mais íntimo de sua caminhada. Fazer um ‘testamento espiritual’ era muito comum no mundo medieval; hoje deixou de ser assim porque há as universidades. O Testamento, então, é dirigido a pessoas da família decididas a levarem adiante aquilo pelo qual o pai deu a vida.



A partir de uma tipologia sociológica, analisemos a pertença dos frades à Ordem. Sociologicamente existem vários níveis de pertença.

PERTENÇA JURÍDICA:

meio dentro e meio fora
fora, mas corporalmente dentro
fora, juridicamente e corporalmente
dentro, juridicamente e corporalmente

PERTENÇA RELIGIOSA

meio dentro e meio fora
fora
dentro

PERTENÇA COMUNITÁRIA

meio dentro e meio fora
fora
dentro, mas por interesse pessoal
dentro, mas dirigidos por fora
dentro como sua coisa e sua causa

O primeiro é o nível Jurídico. Há frades que estão meio dentro e meio fora. Juridicamente significa pertença diante dos deveres e compromissos que a Ordem tem. Toda sociedade como instituição tem certa organização e o 'jurídico' é o que se recebe primeiro, quando se entra numa sociedade; como dizer: "Olha! nossa sociedade é isso; examine bem se você ao entrar é isso que está procurando ou não; se entrar você tem deveres; não precisará fazê-los de todo coração, mas terá que fazê-los". Assim sendo, há frades que juridicamente estão meio dentro e meio fora, isto é, parecem como alguém que entrou numa firma e em parte executa, e em parte não.

Há frades que juridicamente estão fora, mas corporalmente dentro. Numa firma não seria possível, mas na Ordem sim. São frades que não cumprem nenhum dever codificado, mas vivem na Ordem.

Há frades que juridicamente e corporalmente estão fora: não moram mais nas comunidades da Ordem; às vezes não se sabe nem sequer onde estão; se alguém os alerta que não dá para ficar assim, nem dão bola. Entre os frades que juridicamente e corporalmente estão fora se incluem: os que estão para sair, mas ainda moram na comunidade; os que ficam dentro por medo de sair; os que ficam por coleguismo (gostam do grupo e o grupo os mantém); e finalmente os que ficam como parasitas mesmo para aproveitar das vantagens que a Ordem dá, como o estudo.

É evidente que o Testamento não é dirigido para essas pessoas.

Há frades que juridicamente e corporalmente estão dentro. Isso não significa que estejam vivendo o espírito, mas estão dentro e cumprem seus deveres. Destes alguns podem pertencer ao 2º nível.

No nível Religioso já começa uma pertença de significação profunda. Neste nível há frades que estão religiosamente meio dentro e meio fora. Religiosamente significa pertença de quem tem desejo de ser religioso. Estão meio dentro e meio fora porque não cumprem bem os deveres religiosos como a oração, que distingue nossa sociedade de outras. Não estão convencidos do valor dessas coisas e as fazem mais ou menos, quase por obrigação.

Há frades que religiosamente estão fora. Estes simplesmente não fazem aquilo que pertence ao ser religioso. Não há diferença nenhuma dos que, embora bons, só estão juridicamente e corporalmente dentro. Pode haver pessoa boníssima, mas não tem nenhum gosto, nenhuma vontade de rezar, de meditar ou de ler São Francisco, mas faz



tudo isso; se alguém lhe pergunta se tudo isso tem algum sentido, responde que não; e que o faz, porque não tem nenhuma dificuldade em fazê-lo!

Há frades que religiosamente estão dentro. Entraram na Ordem para ser religiosos mesmo. Alguns têm ideias vagas e confusas sobre o ser religioso (entendem, por exemplo, ser religioso como ter sentimentos piedosos); mas querem sê-lo.

O testamento também não está falando para esse segundo grupo de frades.

E há frades que, aos poucos, começam a entender o ser religioso como seguimento de Jesus Cristo. Destes alguns podem pertencer ao terceiro nível: o nível comunitário. Por pertença comunitária se entende usualmente a pertença à comunidade na qual vivemos. Mas aqui, sociologicamente, comunitário significa a decisão de pertencer à Ordem como instituição da Igreja. Então não se trata de como vivem na comunidade, mas como encaram sua pertença à instituição.

Há frades que querem ser religiosos; alguns têm ideia clara do seguimento. No entanto em referência à instituição estão meio dentro e meio fora. Por exemplo, um frade que entende o ser religioso como Seguimento de Jesus Cristo e entra na Ordem, mas acha que a Ordem só o atrapalha no seu Seguimento: este está dentro, mas em nível comunitário está meio fora.

Há frades que estão comunitariamente fora; pensam que a instituição não lhes dá nada, ou quase, que os ajude realmente a realizar o Seguimento de Cristo. Há até os que saem para buscar outra Ordem.

Há frades que estão comunitariamente dentro; entre estes há três classes:

→ frades que estão dentro e usam a Ordem para interesse pessoal profundo, mas a Ordem está em função deles, para se realizarem no seguimento de Jesus Cristo; só fazem o que lhes serve. Isso pode acontecer a um indivíduo ou a um grupo. Dizem: a Ordem deve estar a serviço do frade. → frades que estão dentro, mas dirigidos por fora por pessoas que têm interesses próprios. Há muito disso hoje. Estão na Ordem, mas são dirigidos ou controlados por pessoas ou grupos de interesses, até muito autênticos, alheios aos interesses da Ordem. Isto dá muita confusão. Na instituição onde isso começa, começa sua morte. → frades que amam os valores, os interesses, os objetivos da Ordem, sua causa e sua coisa; trabalham, lutam, constroem, criticam em função da dinamização da Ordem para o fim a ela confiada.

O Testamento e a Regra só tem sentido para este último tipo de pertença. Para todos os demais, nem o Testamento nem a Regra dizem alguma coisa. É difícil ser inteiramente deste nível. Há momentos na vida em que se balança um tanto; por isso a necessidade de examinar o nosso nível de pertença à Ordem, do contrário estamos numa sociedade (a Ordem) sem muita responsabilidade. Ao ler o Testamento é necessário nos examinar pessoalmente para ver com que nível de pertença nos colocamos diante dele. Se não estivermos neste último nível é melhor nem ler. E é por isso que o Testamento não foi muito lido. Neste sentido é um dos textos mais polêmicos. Mas se estiver neste nível, o Testamento começa a mexer.

E DE TAL MODO QUERO ESTAR COMO PRISIONEIRO EM SUAS MÃOS.

Prisioneiro é quem não tem outra possibilidade; é entrar por esse cano e ter que sair por ele. Dizer: “Estou dando aulas provisoriamente; daqui a cinco anos não vou mais dar aula”, dá tipo humano diferente daquele que diz: “Enquanto estou dando aula, dar aula é a minha realização; não vou ficar namorando outra possibilidade; enquanto sou porteiro, a portaria é lugar de minha realização”.

Esta postura é um traço muito característico da espiritualidade franciscana, radicalmente formulado na expressão ‘obediência de cadáver’. É uma compreensão falsa entender obediência de cadáver como obedecer cegamente. O que usualmente chamamos de obediência cega não é obedecer no sentido de São Francisco. ‘Obediência cega’ é se dispor radicalmente para compreender, para distinguir o que é aparente e o que não é, e



principalmente para captar o sentido profundo da vida que não vem de nós, mas de Deus. Para tanto a obediência não pode ser cega no sentido usual; pelo contrário, a obediência deve ter um olhar muito profundo, muito sereno, muito vivo. Obediência cega no sentido de obedecer sem pensar, sem responsabilidade, sem captar o sentido, executando mecanicamente, não é religiosa, e não pode e não deve ser atribuída a São Francisco.

Igualmente, 'obediência de cadáver' não deve ser entendida como passividade sem iniciativa. Esta maneira de entender equivoca inteiramente o que São Francisco entendia por obediência de cadáver. Sem dúvida, ao ler à primeira vista essa expressão, se tem dificuldade de entender; mas de antemão devemos lembrar que quem falou isso não foi um nazista, mas São Francisco, grande mestre de espiritualidade, homem de experiência profunda da vida religiosa. De antemão, metodicamente, é mais inteligente não admitir que São Francisco tenha dito que o perfeito religioso é aquele que é irresponsável e que obedece sem pensar, executando simplesmente. Mas se sondar, se examinar a experiência da tradição da vida espiritual, não só da religião cristã, mas também em outras religiões, ocorre muitas vezes imagem semelhante. No Budismo-Zen, há muito disso.

É necessário entender o que é o cadáver. Cadáver está ligado a morto. Ao dizer morto, logo pensamos em 'não ter mais vida'; mas significa mesmo 'morto'? O Evangelho também usa esta palavra: "Se o grão de trigo não morrer, não ressuscita". Na Admoestação 3, 'Da obediência perfeita', São Francisco cita a Escritura: "Quem quer salvar a sua alma perdê-la-á, e quem a perder, salvá-la-á". Morto então, na experiência religiosa, significa alguém que não tem mais apego a coisa alguma, alguém que está inteiramente doado ao absoluto. Obediência de cadáver, então, significa aquela obediência em que a pessoa não tem mais eu próprio. Não ter eu próprio não significa ser 'maria mole', mas ter toda a disposição, toda a energia colocada à disposição de Deus. Na explicação que São Francisco dá de cadáver diz: "Se o colocar aqui, aqui fica; se o colocar lá, lá fica"; pode parecer passivo, mas sua explicação é: "Se é posto no trono, não se gloria; se é posto no chão não se humilha". Pode pôr em qualquer lugar que a escala humana de valores não têm ligação com ele; não está nem mais aí; está vivo inteiramente para outra escala de valores: a da experiência religiosa. Isso é muito forte, e muitos se escandalizam.

QUE FORA DA Obediência A ELE OU CONTRA A SUA VONTADE EU NÃO POSSA IR A PARTE ALGUMA, NEM EMPREENDER NADA, PORQUE ELE É O MEU SENHOR.

Entender isso empiricamente dá num absurdo, e muitas vezes foi entendido assim. Entender isso como ter que pedir licença toda a vez que vai sair é entender infantilmente, não tanto pelo fato de pedir, mas porque se está equivocando o Testamento. Para entender bem tem que pensar nos frades que "estão realmente dentro da Ordem, como sua coisa e sua causa": para estes o ministro-geral não é qualquer coisa; é o representante da Ordem; não fala, portanto, de obedecer à pessoa do Ministro-geral, mas toda a estruturação concreta da Ordem, o corpo social chamado Ordem. São Francisco é muito concreto e personifica a Ordem com o Ministro-geral e o guardião. Obedecer-lhes significa engajamento dentro desse grupo assim estruturado e organizado; ministro e guardião significam o lugar onde o Deus de Jesus Cristo se comprometeu, o lugar onde firmemente disse: "Eu quero. Aqui dentro é que vou me realizar; estou preso aqui dentro e tudo o que fizer fora disso não estará recebendo a energia de viver que há nesse caminhar". São Francisco se entrega de todo o coração, com toda a valentia e com todo o risco à Ordem. Entende Ordem como único lugar de realizar não o que gostaria, mas o que a Ordem tem por fim, como articulação do Corpo Místico de Cristo. Esta pertença é de prisioneiro, isto é, seu querer, sua busca, sua realização, seu interesse coincide com o da Ordem; não há outro.

Este é o estilo de 'prisioneiro' de São Francisco: igrejas, padres, e agora: o superior, o ofício. Talvez se possa caracterizar este estilo como entrar pelo cano literalmente! O cano não tem saída nem em cima e nem embaixo, só tem saída para frente



e se estiver obstruído é preciso furar; há também saída para trás, mas aí é por onde se entrou, e não é fácil; esta estrutura se caracteriza positivamente por não permitir dispersão de energia: como não tem outra possibilidade, tem que colocar todo esforço de criatividade para ir para frente, sem se dispersar em veleidades; é uma pedagogia do desafio que não desperdiça nada, porque todas as coisas se tornam importantes, pois tem que furar; não se muda de rumo, não porque não se quer, mas porque não se pode. Quem entrou no cano, no início, no meio e no fim trabalha sempre o mesmo, sem começar uma coisa e passar para outra. Colocando-se prisioneiro São Francisco se põe numa situação onde tem que acionar toda a sua potencialidade para conseguir.

E EMBORA EU SEJA SIMPLES E ENFERMO QUERO CONTUDO TER SEMPRE JUNTO DE MIM UM FRADE QUE REZE COMIGO O OFÍCIO SEGUNDO MANDA A REGRA.

Aparece de novo a postura ‘pobre’ de São Francisco; de fato, por ser simples e iletrado, ele podia deixar de lado o Ofício; mas cria a complicação de ter um clérigo que reze o breviário com ele. É isso formalismo? (Cf Atos n.8). Devemos nos perguntar por que temos tanto medo da ‘fórmula’? É porque entendemos liberdade humana como liberdade de estruturas. É uma compreensão muito superficial, estética, não real. O medieval entendia liberdade como energia que brota do aperto. Por isso São Francisco sempre criava uma regra, uma fórmula para ter disciplina e não fazer de qualquer jeito. Não porque fosse fraco, não tivesse vontade ou fosse bitolado, mas porque entendia que a força humana, chamada liberdade, tem que se disciplinar para ser verdadeira.

Frei Egídio, no Capítulo da Obediência, diz que o boi ara bem e enche o celeiro de trigo quando coloca o pescoço debaixo da canga; se andar zanzando a bel prazer, não enche o celeiro. Quem está visivelmente debaixo da canga, depois de nove, dez anos tem o celeiro cheio; fica útil à humanidade. Quem goza de vida brilhante e usa todo mundo para si mesmo, não produz nada. Na vida só ficamos apertados se tivermos uma canga. Mãe de família tem sua ‘canga’, os filhos; o dia em que não quiser se levantar por estar cansada ou com preguiça, levanta e exercita a maternidade, porque os filhos tem que ir para a escola. São Francisco se coloca na vida como essa mãe de família. São Francisco entende o ofício divino como obra; vê nele o empenho de oração de todo Corpo Místico de Cristo; diz então: “Eu quero rezar o Ofício e que meus frades não mudem nada dele, pois o que aparece como Ofício Divino é o enorme esforço de todo esse conjunto Igreja-Ordem que através dos séculos foi se constituindo, não como estrutura tradicionalista, mas como o lugar de estudo e trabalho da oração”. Quem mexe no Ofício, no fundo não está dentro da Ordem e da Igreja.



10. E TODOS OS OUTROS IRMÃOS TENHAM QUE.

O texto repete esta expressão diversas vezes. São Francisco usa a palavra '*teneantur*': devem. Em geral, temos grande dificuldade de assimilar a palavra obrigado, pois, a partir de nossa espiritualidade moderna, a sentimos como uma coisa imposta; se sente logo a própria liberdade encolhendo. A pessoa obrigada é escrava. Quando, porém, se diz: 'Muito obrigado' não há esta compreensão! 'Muito obrigado!' é um compromisso, onde a obrigação não diminui a nossa liberdade. Obrigação, dever, originariamente, são um compromisso no qual se tem a si mesmo. Somente tem dever a pessoa que tem identidade, a pessoa que consegue ter a si mesmo.

Quem entende 'tem que fazer' no sentido usual de obrigação, não entendeu bem o que se quer dizer. Tem que fazer significa: lembre-se do seu compromisso livre. Tudo o que se tem que fazer como obrigação, está ligado a um ato de liberdade: "Eu quero caminhar, quero buscar a Vida Religiosa Franciscana; eu me comprometo, porque é vantagem para mim". Neste momento entregou livremente, cordialmente, a uma força maior o seu próprio destino. Esse entregar não é ser roubado na liberdade; é doação livre à tarefa de assumir uma coisa muito maior daquela que tinha antes.

É muito importante lembrar isso, hoje, porque a maioria de nossas obrigações não as entendemos nesse sentido; fazemos tantas obrigações religiosas, mas não crescemos, porque não entendemos o que significa: 'tem que fazer'. Nós religiosos deveríamos ser um grupo de pessoas muito livres, tão livres de nem sequer precisar mandar para assumirmos um compromisso; estamos, porém, nos tornando pessoas 'dependentes', funcionários; não temos mais aquela criatividade livre de quem assume as coisas. Começa com isso uma decadência muito grande, porque não se entende bem o que é dever.

É necessário pensar a liberdade, a identidade como algo intimamente ligado ao dever. Quando se começa a separar as duas coisas, se começa a apodrecer e dá um grupo humano irreal que fala muito de espontaneidade, entusiasmo, engajamento, mas não consegue levantar um dedo para realmente, a partir de si mesmo, se responsabilizar por alguma coisa. É por isso que na Regra e no Testamento aparece continuamente a palavra *teneantur*: tem que fazer, indicando a liberdade. Se compreendêssemos bem esse 'tem que', não precisaria colocar muita coisa nas Constituições; nem sequer precisaria de superior, porque todos seriam superiores.

OBEDECER DE IGUAL MODO AOS SEUS GUARDIÃES.

O relacionamento de obediência vale também para os guardiães. Isso significa que nossa obediência hierárquica deve estar orientada por uma dinâmica diferente daquela usual na sociedade. Na sociedade se obedece funcionalmente. Nós também obedecemos funcionalmente, porque constituímos uma sociedade. Qualquer grupo humano, sobretudo quando muito grande, necessita de cargos, de funções. Mas, se ficarmos somente nesse nível, uma porção de coisas da Vida Religiosa se tornam absurdas. Deveríamos desenvolver, por exemplo, uma boa técnica de funcionamento, onde quem exerce funções administrativas fosse inteligente, bem-preparado, psicologicamente maduro, bem fraterno, não neurótico; aí então teríamos uma fraternidade católica, cristã. Mas se fosse assim, não dá para entender bem a partir donde nós obedecemos; além do mais se alguém fundamentar nisso sua busca religiosa pode tirar o cavalinho da chuva, porque depois de uns anos estará fora. Na Vida Religiosa, cada um deve trabalhar muito para fazer da obediência um compromisso bem diferente do compromisso usual, no qual dá para rescindir simplesmente o contrato.

Nós obedecemos para compreender, para aprender, para intuir porque Jesus Cristo, vindo a esse mundo, obedeceu em tudo, até a morte e morte na cruz. No



Testamento São Francisco diz: “Frade menor, lembre-se que temos o compromisso, que não é obrigação imposta, de nos tornarmos discípulos de Jesus Cristo, e isso para ser felizes, para descobrirmos o grande segredo que Jesus nos ensinou: obedecer até a morte na cruz! Se obedecemos ao superior e se os superiores se obedecem mutuamente, é para descobrirmos esse segredo e sermos felizes da felicidade que Jesus anunciou”. Com outras palavras, nós obedecemos ao superior, às Constituições, rezamos o Ofício, porque somos convocados a descobrir em cada uma dessas coisas, uma provocação de Deus, porque atrás disso tudo há o grande Deus misterioso, o grande pedagogo, nos conduzindo.

E A FAZER O OFÍCIO SEGUNDO MANDA A REGRA.

Em vez de ‘rezar’ o Ofício, São Francisco usa a palavra ‘fazer’ ofício. É outro ponto a ser lembrado: a oração é um fazer; a meditação é um fazer... Fazer não no sentido de aplicar o que você sabe, mas de trabalhar artesanalmente.

O medieval para oração sempre usa a palavra ofício, e nós também. Ofício significa ‘obra’. Então, precisamos recuperar a compreensão da Vida Religiosa como trabalho e não como vivência ou convivência. O religioso deve construir a Vida Religiosa, a identidade como quem constrói uma casa.

A Vida Religiosa tem que ser construída com paciência, se se é impaciente; com sobriedade, se se é pessoa sensual; com profundidade, se se é superficial. Cada um tem que trabalhar a si mesmo. No convívio civil o pessoal constrói o matrimônio, a educação dos filhos, a casa, a sua própria profissão; constrói a aposentadoria; pega a vida com as duas mãos, e vai trabalhando; não a deixa de qualquer jeito; vai calculando; e não consegue tudo. Os medievais pensavam a Vida Religiosa do mesmo modo.

Há, portanto, uma maneira muito sóbria, mas séria de ver a vida, de ver o próprio caráter, seus defeitos, suas virtudes, sua força. Digamos que há jovens religiosos cheios de grande vitalidade; por ter vitalidade, uns ficam até as duas da madrugada brincando, se expandindo, vendo televisão, fazendo uma porção de coisas que nada de mal tem em si. Mas para quem estão gastando a sua energia? O que estão construindo com isso? Ao passo que outros jovens querendo ser engenheiros, médicos, fazem de vez em quando uma noitada dessas, mas por querer construir uma carreira, não o fazem sempre. O religioso, muitas vezes, tem muito talento, muita juventude, mas não tem responsabilidade em construir.

E SE ACASO HOUVER QUEM NÃO FAZ O OFÍCIO SEGUNDO A REGRA E INTRODUIR UM MODO DIFERENTE.

‘Segundo a regra’ não é qualquer regra! Regra é algo que ficou de pé; se foi escrita é porque é coisa construída com o suor e o sangue de toda uma geração muito experimentada. É como se fosse uma escola de datilografia muito experimentada; ela tem certas normas que não foram feitas para obrigar a pessoa a ficar bitolada; são normas bem experimentadas para fazer com que a pessoa tenha cada vez mais técnica. Nós temos dificuldade de entender isso, porque nos parece fixo, rotineiro. São Francisco não é contra a criatividade na oração.

Para o medieval, um técnico que não fosse artesanal, não servia, seja porque não aprenderia, seja porque faria qualquer coisinha, sem alcançar aquilo que poderia alcançar. Então, ‘introduzir um modo diferente’ indica esse defeito típico do ‘aluno’. Isso era grave, porque matava toda a dinâmica da aprendizagem. Hoje, justamente, se fala muito do respeito devido às pessoas, da iniciativa pessoal...; todos esses dizeres, porém, são ‘truques pedagógicos’ para introduzir a pessoa, e ela introduzir a si mesma, na aprendizagem. Na Vida Religiosa certos defeitos devem ser corrigidos, senão não se cresce; um desses defeitos aquele modo de ser irrequieto que não assume uma aprendizagem, passo a passo, para crescer na técnica; outro é pensar que se pode



avancar nela espontaneamente, de qualquer jeito, seguindo o próprio gosto; em outras palavras, não entender que a Vida Religiosa é tarefa muito grande de treinar o nosso próprio gosto, de transformá-lo.

Por estas palavras São Francisco aponta para esse defeito. Ele não proíbe de variar; se o frade, depois de aprendizagem muito grande, tiver criatividade, pode variar quanto quiser, porque no fundo não está seguindo o seu próprio capricho, mas a aprendizagem que tem dentro de si. Mas deve haver cuidado, porque todos temos o grande defeito de dizer: “Isso é chato; deixe-me fazer do meu jeito; não podemos ficar instalados; devemos nos abrir ao novo, ao diferente”; quem coloca esta atitude como elemento de sua pedagogia, fica parado; não cresce. A espiritualidade atual se equivoca quando valoriza com ênfase esta atitude; esta valorização é perigosa, porque no fundo se trata do defeito da preguiça, ainda que encoberto e justificado como coisa muito positiva.

Hoje, por não termos cinto apertado, não encaramos o trabalho espiritual como um trabalho de aprendizagem e crescimento; por isso temos muita dificuldade de nos corrigirmos mutuamente. Somos altamente (e um tanto patologicamente!) sensíveis e por isso não nos deixamos corrigir, e quando tentamos, logo nos tornamos inimigos, ao passo que deveria ser uma crítica mútua para o crescimento. Aqui, também, devemos aprender da vida civil; os técnicos da engenharia, da mecânica ou de qualquer área técnica, são muito mais objetivos nas críticas e muito mais sensíveis para o seu crescimento; não são tão inflacionados e hipersensíveis. O religioso que não corrigir esta atitude de ‘preguiça’, nunca será um profissional da Vida Religiosa.

OU QUE NÃO SEJA CATÓLICO, TODOS OS IRMÃOS, ONDE QUER QUE ESTIVEREM E ACHAREM UM DELES, SÃO OBRIGADOS POR OBEDIÊNCIA A LEVÁ-LO AO CUSTÓDIO MAIS PRÓXIMO DO LUGAR ONDE O TIVEREM ENCONTRADO. E O CUSTÓDIO ESTEJA FIRMEMENTE OBRIGADO SOB OBEDIÊNCIA A MANTÊ-LO SOB GUARDA SEVERA COMO PRISIONEIRO, DIA E NOITE, DE MODO QUE NÃO POSSA ESCAPAR DE SUAS MÃOS, ATÉ QUE O ENTREGUE PESSOALMENTE ÀS MÃOS DE SEU MINISTRO. TAMBÉM O MINISTRO ESTEJA GRAVEMENTE OBRIGADO SOB OBEDIÊNCIA A ENVIÁ-LO POR TAIS IRMÃOS QUE O GUARDEM DIA E NOITE COMO UM PRESO, ATÉ QUE O APRESENTEM AO SENHOR DE ÓSTIA, QUE É O SENHOR, O PROTETOR E O CORRETOR DE TODA A FRATERNIDADE.

41

Aqui Francisco é rigoroso: “A quem não é católico não se permita pertencer a esse grupo”. Sua lógica não é de castigo, nem de reclusão, mas é de nitidez de pertença. Em geral este texto é entendido como questão de fidelidade à Igreja; mas aqui emerge sobretudo o estilo de Francisco, pois ‘católico’ aqui significa não individual, não privativo, não amigo da própria vontade, mas universal, pertencente a uma realidade que está para lá do individual-privativo.

Temos que recuperar de novo a alegria de ser católicos; depois de tanta crítica que fizemos a nós mesmos, ficamos com complexo de culpa de sermos católicos. São Francisco não pensa: “A Igreja tem muita culpa; fez isso fez aquilo; é peso demais, estou com vergonha”. Ele é como uma pessoa que cresceu desde criança alegremente dentro de uma família, gostando do calor humano que ali havia; não tem medo de reconhecer os defeitos de sua família, mas dela colhe, sobretudo, o positivo, o universal.

A experiência de Igreja Católica de São Francisco pode ser resumida assim: a Igreja Católica é a sociedade de pessoas que seguiram Jesus Cristo; lutaram, trabalharam e formaram o tipo humano que chamamos santos; criaram costumes e maneiras de ver que constituem o fundo não superficial, do Povo de Deus que se chama Católico. Há nisso algo grande, assentado, maduro. Para São Francisco isso é essencial e importante. Por isso é tão rigoroso quando alguém não leva isso a sério.

Disciplinarmente, São Francisco toma uma providência estranha para nós; parece militar. O militar é assim: caiu fora da regra, põe na cadeia! Esta fala de São



Francisco, no fundo, é um pouco isso; tem um vigor masculino muito grande; o feminino não tem isso. É como dissesse: “Você é cavaleiro, você se comprometeu e não cumpre, aguarde a consequência!”. Apela para aquela nobreza! Quando se trata do compromisso livre de nossa busca, São Francisco não é muito liberal, é exigente. Isso não tem nada a ver com fanatismo, com castigar os outros; tem muito a ver com a seriedade de uma pessoa que deve assumir a sua própria caminhada. Pedagogicamente não se deve aplicar isso ao pé da letra, porque a nossa tendência é usar essas coisas para chicanear os outros; o espírito de vingança, o ciúme, a mesquinharia que temos no coração, são muito maiores do que imaginamos. Nesta questão há uma norma áurea muito prática: com os outros é preferível ter suavidade, mas de si mesmo se pode e se deve exigir. Isso, porém, não significa judiar-se, nem ser escrupuloso, não ser alguém que maltrata a si mesmo, mas ser exigente consigo, se pode e se deve sê-lo. Exigir do outro, desculpando a si próprio, não dá certo. Quando se busca algo livremente, sempre dá para fazer algo ‘em casa’; a comunidade onde alguém faz isso, sai lucrando; mas se for rigoroso com os outros e não trabalha a si mesmo, dá um inferno.



**11. E NÃO DIGAM OS IRMÃOS: “ISSO É UMA OUTRA REGRA”,
PORQUE ISTO É UMA RECORDAÇÃO, UMA ADMOESTAÇÃO,
UMA EXORTAÇÃO E MEU TESTAMENTO, QUE EU, FREI
FRANCISCO, PEQUENINO, FAÇO PARA VÓS, MEUS IRMÃOS
BENDITOS, A FIM DE QUE OBSERVEMOS MAIS
CATOLICAMENTE A REGRA QUE PROMETEMOS AO SENHOR.**

Havia naquele tempo dentro da Igreja maquinações horríveis. As nossas politicagens são inocentes em vista da Idade Média. E sempre existe o perigo de ficar com a cabeça confusa. Assim dá para entender esta frase do Testamento. “Estão pensando que eu fiquei mais rigoroso? Não! isto é apenas uma exortação, uma recordação, isto é, eu estou trazendo de novo ao coração, refrescando de novo aquilo que desde o início nós prometemos; vamos lá; é isso que originariamente queríamos”.

Desde o início Francisco entendeu sua existência como seguimento de Jesus Cristo na pobreza e humildade; o que mais o impressionou foi a Eucaristia e a cruz, porque via nelas o Deus livre, o Senhor do universo se encarnando na condição humana, como prisioneiro dentro de uma situação finita; sem fugir, entrou cada vez mais para dentro; assim nos salvou, nos libertou. Todo o estilo de São Francisco desde o começo é decisão de assumir a materialidade da situação onde está, sem recuo, sem olhar para trás. Por isso, às vezes toma atitudes duras, mas não brutais; muito nítidas, isso sim. É o modo de ser da Encarnação. Esse modo de ser aparece como Eucaristia em que Deus materialmente se entrega nas nossas mãos; e no Cristo crucificado que até à morte se entregou e não recuou.



12. E O MINISTRO-GERAL E TODOS OS DEMAIS MINISTROS E CUSTÓDIOS ESTEJAM OBRIGADOS SOB OBEDIÊNCIA A NADA ACRESCENTAR A ESTAS PALAVRAS NEM TIRAR COISA ALGUMA. E TENHAM SEMPRE CONSIGO ESTE ESCRITO, JUNTO À REGRA. E EM TODOS OS CAPÍTULOS QUE FIZEREM, LEIAM TAMBÉM ESTAS PALAVRAS QUANDO LEREM A REGRA. E ORDENO FIRMEMENTE SOB OBEDIÊNCIA A TODOS OS IRMÃOS, CLÉRIGOS E LEIGOS, QUE NÃO FAÇAM GLOSAS À REGRA NEM A ESTAS PALAVRAS DIZENDO: “ASSIM É QUE DEVEM SER ENTENDIDAS”. MAS COMO O SENHOR ME CONCEDEU DIZER E ESCREVER SIMPLEMENTE E PURO A REGRA E ESTAS PALAVRAS, ASSIM AS ENTENDAIS SIMPLEMENTE E PURAMENTE E OBSERVAI-AS COM SANTA OPERAÇÃO.

Glosas eram anotações que se escreviam na margem de um manuscrito, dando a chave de entendimento do conteúdo do texto. São Francisco diz: “Não comecem a ‘interpretar’, isto é, a entender partindo de motivações alheias à nossa experiência originária. O que está escrito aqui e na Regra não pode ser entendido de outro jeito; nem ninguém acrescente ou tire, mas guarde o silêncio dentro de si, escute bem, volte àquilo que você é originariamente: bem humilde, grato, simples, límpido. Então, você vai escutar o Senhor me revelou, simples e puramente”.

Com isso São Francisco focaliza um grande problema: como distinguir entre a palavra de São Francisco e as nossas interpretações. Ao estudar teologia, por exemplo, o aluno estuda um tratado científico sobre a Sagrada Escritura chamado exegese. Nele são dadas mil explicações científicas de história, filologia, gêneros literários... sobre os textos bíblicos. O estudante às vezes fica horrorizado: “Puxa, eu pensava que as forças, as dominações, principados, contra os quais São Paulo convida a lutar, fosse o demônio, e agora me dizem que tudo é concepção dos babilônicos”; o mesmo estudante, daí a um tempo, percebe que na teologia católica há interpretações progressistas e tradicionalistas; em quem acreditar? Como se arranjar nesta questão toda?

De repente você lê no Testamento de São Francisco o convite a entender simples e puramente, sem fazer glosa! Nesta afirmação deve estar uma dica muito importante, dica com a qual é necessário se confrontar, porque não dá para deixar as coisas, sem mais nem menos. A busca da Verdade é um problema muito sério; não é tarefa só dos teólogos, é tarefa de qualquer cristão.

Há antes de tudo um preconceito, principalmente no meio acadêmico: pensar que tudo que se entende é interpretação; isto é, achar que tudo é subjetivo; não admitir que existe a Verdade, de tal maneira que, se todos se colocam na atitude apropriada, todos escutam do mesmo jeito. Sem dúvida a maior parte das coisas entendidas é interpretação, mas há certas verdades fundamentais diante das quais se diz: “É assim; só pode ser desse jeito”! Trata-se de um instinto, uma inteligência, uma maneira de ver que, se não sofisticar, faz captar a verdade diretamente. Na prática, já vivemos este tipo de instinto; pode haver engano de vez em quando, mas a maioria das vezes se acerta. Todos sentem, por exemplo, que ser sincero é coisa importante e boa; diante de uma pessoa sincera, imediatamente se sente: esse cara é bom! Todo mundo sabe que não se pode bater numa



pessoa inocente ou indefesa. Qualquer um, na maioria das coisas, se abrir os olhos e não ficar muito sofisticado, capta a verdade, direta, imediata e simplesmente!

São Francisco no Testamento chama a atenção para essa experiência, que todo mundo tem, e pela qual, se não sofisticar, se for puro e simples, se pega a verdade! Não sofisticar é ficar quieto para dentro de si mesmo; é voltar a ser aquilo que se é originariamente, bem simples diante de Deus. Usualmente temos inúmeros preconceitos e cobiças, forçamos, não queremos saber de uma coisa ou de outra. Mas há dias em que ficamos quietos, com o coração limpo, bem disposto, sem segundas intenções ou ressentimentos, por exemplo, num retiro, no dia da profissão, depois de uma confissão bem feita, numa experiência de grande gratidão, ou quando se passa por um grande desespero; e de repente descobrimos certas verdades acerca de nós mesmos; podemos até ficar meio revoltados com elas, mas aos poucos nos aquietamos novamente, ficando puros, humildes e simples; o ouvido fica bem afinado e distingue as coisas. Nessas ocasiões o que se entende não é glosa, não é interpretação, mas a verdade, o que está no texto mesmo!

Digamos que um dia você sai de uma discussão sobre a 'libertação'; sai bravo e chateado com o grupo porque foi acusado de coisas que você não fez, e também porque o grupo é muito radical, mas no fundo muito acomodado. De repente, você encontra um pobre que pede ajuda; você deixa para trás todo aquele barulho, e lhe dá atenção; esse contato lhe faz muito bem porque este pobre tem grande humildade e grande nobreza. Você cai em si e diz: "Como essa pessoa é nobre!". Percebe que toda a discussão feita não passou de ideias, cada um defendendo seu ponto de vista; percebe que optar pelo pobre não é só ajudar, mas que é necessário em tudo ter gratidão; e percebe que você também tem que ser grato nesta sua situação; tem que ser mais límpido e puro: intui que este pobre está pedindo que você também seja pobre. Nesse momento, você esquece aquela mixórdia toda e tem grande saudade e vontade de ser simples diante de Deus. O que você escuta nesses momentos, é verdade.

Oração e meditação são para conservar a quietude dentro de nós. A Vida Religiosa, no fundo, é para conservar a simplicidade, a pureza do coração diante de Deus e diante de si mesmo. Isso faz com que se escute a verdade. Então seremos adoradores em espírito e verdade. O bom leitor se prepara humildemente, se ajoelha diante de Deus, pede perdão de toda a sua falta e diz: "Senhor, aqui estou para escutar: por favor, fale!". O que se capta, o que se enxerga, o que se ouve e diz a partir desta postura é certo, por mais desengonçada que seja a fala. Quem fizer isso todo o dia, por anos a fio, entra nele um silêncio radical que o faz escutar na pureza de coração e na simplicidade. A experiência religiosa é o cultivo dessa pureza. São Francisco escreveu desse jeito, e só é compreensível se for lido assim. E isso todos podem fazer, analfabetos e estudados.



**13. E TODO AQUELE QUE AS OBSERVAR SEJA NO CÉU
CUMULADO COM A BÊNÇÃO DO ALTÍSSIMO PAI, E SEJA
CUMULADO NA TERRA COM A BÊNÇÃO DE SEU DILETO FILHO
EM UNIDADE COM O ESPÍRITO SANTO PARÁCLITO, COM
TODAS AS VIRTUDES DO CÉU E TODOS OS SANTOS. E EU, FREI
FRANCISCO, O MENOR DE VOSSOS SERVOS, VOS CONFIRMO,
QUANTO POSSO, INTERIOR E EXTERIORMENTE, ESTA
SANTÍSSIMA BÊNÇÃO. AMÉM.**

Quem entendeu tudo isso seja bendito, isto é, seja realizado. A bênção final é a confirmação de um grande vigor que é a consumação, o ponto final e alto de uma caminhada que nós chamamos de realização.





@ofsdobrasil
www.ofs.org.br